

ULISSES

*james
joyce*

Tradução de
Antônio Houaiss

21ª edição



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rio de Janeiro
2021

Sobranceiro, fornido, Buck Mulligan vinha do alto da escada, com um vaso de barbear, sobre o qual se cruzavam um espelho e uma navalha. Seu roupão amarelo, desatado, se enfunava por trás à doce brisa da manhã. Elevou o vaso e entoou:

— *Introibo ad altare Dei.*

Parando, perscrutou a escura escada espiral e chamou asperamente:

— Suba, Kinch. Suba, jesuíta execrável.

Proseguiu solenemente e galgou a plataforma de tiro. Encarando-os, abençoou, grave, três vezes a torre, o campo circunjacente e as montanhas no despertar. Então, percebendo Stephen Dedalus, inclinou-se para ele, traçando no ar rápidas cruces, com grugulhos guturais e meneios de cabeça. Stephen Dedalus, enfarado e sonolento, apoiava os braços sobre o topo do corrimão e olhava friamente a meneante cara grugulhante que o bendizia, equina de comprimento, e a cabeleira clara não tosada, estriada e matizada como carvalho pálido.

Buck Mulligan mirou-se um instante sob o espelho e em seguida recobriu o vaso com vivacidade:

— Ao quartel! — disse peremptório.

Acrescentou, em tom predicante:

— Porque isto, ó bem-amados, é a autêntica Christina: corpo e alma, e sangue e chagas. Música lenta, por favor. Fechar os olhos, cavalheiros. Um instante. Uma pequena complicação com estes corpúsculos brancos. Silêncio, minha gente!

Escrutando de esquelha as alturas, emitiu um longo assobio grave de chamamento, deteve-se depois por instantes numa atenção extática, os brancos dentes iguais brilhando aqui e ali em pontos de ouro. Chrysostomos. Dois fortes silvos estrídulos responderam através da calma.

— Obrigado, meu velho — gritou animoso. — A coisa vai. Corte a corrente, sim?

Pulou da plataforma de tiro e olhou sério para o seu observador, arrepanhando pelas pernas as bandas soltas do roupão. A fornida cara sombreada e a soturna queixada oval lembravam um prelado, protector das artes, da Idade Média. Um sorriso divertido abrochou-lhe, calmo, os lábios.

— A pilhéria que há nisso — disse jovial. — Esse seu nome absurdo, em grego antigo.

Apontou-o com o dedo em gesto amigo, e retornou ao parapeito, rindo de si para si. Stephen Dedalus galgou os degraus, seguiu-o a meio caminho com fastio e sentou-se no bordo do parapeito, olhando-o impassível, que apoiava o espelho no parapeito, mergulhava o pincel no vaso e ensaboava bochechas e pescoço.

A voz jovial de Buck Mulligan prosseguia:

— Meu nome é absurdo também: Malachi Mulligan, dois dáctilos. Mas soa helênico, não soa? Ágil e ensolarado como um cabrito mesmo. Precisamos ir a Atenas. Você virá, se consigo arrancar da tia umas vinte librazinhas?

Pôs de lado o pincel e, rindo com deleite, gritou:

— Virá ele, esse mirrado jesuíta?

Descontinuando, começou a barbear-se com cuidado.

— Diga-me, Mulligan — disse Stephen com calma.

— Sim, querido?

— Quanto tempo Haines vai ficar nesta torre?

Buck Mulligan exibiu uma bochecha barbeada sobre seu ombro direito.

— Por Deus, não é abominável? — disse com franqueza. — Que saxão pesado. Pensa que você não é um cavalheiro. Por Deus, esses malditos ingleses. Arrebrandando de dinheiro e de indigestão. Porque vem de Oxford. Você sabe, Dedalus, você tem a verdadeira marca de Oxford. Ele não pode entendê-lo. Oh, para você reservo o melhor nome: Kinch, a lâmina-gume.

Barbeava-se com minúcia o queixo.

— Ele passou a noite delirando com uma pantera negra — disse Stephen. — Onde está o estojo de fuzil dele?

— É um lunático infeliz — disse Mulligan. — Você estava aterrorizado, não?

— Estava — disse Stephen com energia e medo acrescido. — Nesta escuridão, com um sujeito que não conheço, delirando e lamuriando-se, a

querer abater uma pantera negra. Você já salvou gente de afogamento. Mas eu não sou herói. Se ele fica aqui, dou o fora.

Buck Mulligan franziu o sobrolho à espuma da navalha. Saltou do seu poleiro e começou a buscar sôfrego nos bolsos das calças.

— Que porra — disse rudemente.

Retornou à plataforma de tiro e, metendo a mão no bolso superior de Stephen, disse:

— Que se nos conceda este trapo de focinho para limpar minha navalha.

Stephen suportou que ele retirasse e exibisse segurando-o por um canto um lenço sujo amarrado. Buck Mulligan limpou a lâmina com minúcia. Depois, fitando o lenço, disse:

— O trapo de focinho do bardo. Uma nova cor artística para nossos poetas irlandeses: verdemuco. Você quase que pode degustá-lo, não pode?

Subiu ao parapeito de novo e mirou para a baía de Dublin, os louros cabelos carvalho pálido agitando-se de leve.

— Por Deus — disse sereno. — Não está o mar tal como Algy lhe chama: a doce mãe gris? O mar verdemuco. O mar escrotoconstritor. *Epi oinopa ponton*. Ah, Dedalus, os gregos! Preciso ensinar-lhe. Você deve lê-los no original. *Thalatta! Thalatta!* É a nossa grande doce mãe. Venha e veja.

Stephen subiu e aproximou-se do parapeito. Apoiando-se neste olhava para as águas e para o barco-correio surgindo na boca da angra de Kingstown.

— Nossa poderosa mãe — disse Buck Mulligan.

Volveu abruptamente seus grandes olhos inquiridores do mar para o rosto de Stephen.

— Minha tia crê que você matou sua mãe — disse. — Eis a razão por que ela não quer que eu me dê com você.

— Alguém a matou — disse Stephen lúgubre.

— Você podia ter-se ajoelhado, que diabo, Kinch, quando sua mãe lhe pediu isso moribunda — dizia Buck Mulligan. — Sou tão hiperbóreo quanto você. Mas imaginar sua mãe suplicando-lhe no seu último alento que você se ajoelhasse e rezasse por ela. E você recusar. Há alguma coisa de sinistro em você...

Descontinuou e ensabou de leve de novo a outra bochecha. Um sorriso tolerante aflorava-lhe os lábios.

— Mas é um mimo delicioso — murmurou de si para si. — Kinch, o mais delicioso de todos os mimos.

Barbeava-se por inteiro e com cuidado, em silêncio, sério.

Stephen, um cotovelo apoiado no granito rugoso, opunha a palma da mão contra a fronte e contemplava a borda puída da manga preta brilhosa do paletó. Uma dor, essa não era ainda a dor do amor, roía-lhe o coração. Silenciosamente, em um sonho ela lhe aparecera depois da morte, seu corpo gasto dentro de largas pardas vestes funéreas exalando um odor de cera e de pau-rosa, seu hálito, pendente sobre ele, mudo, repreensivo, um esmaecido odor de cinzas molhadas. Através da borda esgarçada do punho, via o mar louvado como a grande doce mãe pela voz bem nutrida a seu lado. O anel da baía e horizonte cinturava uma fosca massa verde de líquido. Um vaso de porcelana branca ficara ao lado do seu leito de morte com a verde bile viscosa que ela devolvera do fígado putrefeito nos seus bulhentos acessos estertorados de vômito.

Buck Mulligan limpava de novo a lâmina.

— Ah, pobre carcaça de cão — disse em tom carinhoso. — Preciso dar-lhe uma camisa e uns trapos de focinho. Como vão as bragas de segunda mão?

— Entram razoavelmente bem — respondeu Stephen.

Buck Mulligan atacava a covinha debaixo do sotolábio.

— A pilhéria que há nisso — disse ele alegre — é que elas deviam ser de segunda perna. Deus é quem sabe que cambaio sarnento as usou. Tenho um par encantador listrado-cinza. Você ficará soberbo nelas. Não estou brincando, Kinch. Você fica danadamente bem, quando se veste direito.

— Obrigado — disse Stephen. — Mas não posso usá-las, se são cinza.

— Não pode usá-las — Buck Mulligan dirigia-se à própria cara no espelho. — Praxe é praxe. Mata a mãe mas não pode usar calças cinzentas.

Dobrou com esmero a navalha e com golpes de ponta de dedo massageou a pele macia.

Stephen virava sua contemplação do mar para a face fornida de móveis olhos azul-esfumaçados.

— O sujeito com quem estive ontem à noite no Ship — disse Buck Mulligan — diz que você tem p.g.d. Está em Dottyville com Conolly Norman. Paralisia geral da demência.

Deslizou o espelho em meio círculo no ar para faiscar nas ondas longes ao revérbero solar agora irradiante sobre o mar. Seus curvos lábios escanhoados riam e as pontas de seus brancos dentes resplandecentes. O riso tomou-lhe o forte tronco compacto.

— Contemple-se — disse —, seu bardo execrável.

Stephen recurvou-se para a frente e afundou os olhos no espelho sustido ante ele, fendido numa rachadura curva, cabelo em pé. Como ele e os outros me veem. Quem escolheu esta cara para mim? Esta canicarcaça a sacudir sanguessugas. Ele me pede a mim também.

— Surripiei-o do quarto da virago — dizia Buck Mulligan. — Bem feito para ela. A tia reserva sempre criadas chochas para o Malachi. Para não induzi-lo à tentação. E se chama Úrsula.

Rindo de novo, retirou o espelho aos olhos perscrutantes de Stephen.

— A fúria de Caliban por não ver a própria imagem ao espelho — disse. — Se ao menos Wilde estivesse vivo para vê-lo.

Recuando e apontando, Stephen disse com amargura:

— É um símbolo da arte irlandesa. O espelho rachado de uma criada.

De supetão, Buck Mulligan enlaçou seu braço ao de Stephen, pondo-o a andar com ele ao redor da torre, navalha e espelho chocalhando no bolso em que os enfiara.

— Não é justo gozá-lo desta maneira, não é, Kinch? — disse, com carinho. — Deus é que sabe que você tem mais espírito do que qualquer um deles.

Parados de novo. Ele teme o escalpelo de minha arte como eu o da dele. A fria pena de aço.

— Espelho rachado de uma criada. Diga isso à vaca do sujeito lá embaixo e arranque dele um guinéu. Está fedendo a dinheiro e acredita que você não é um cavalheiro. O velho dele encheu a burra vendendo jalapa aos zulus, ou com alguma negociata danada ou coisa que o valha. Por Deus, Kinch, se ao menos você e eu pudéssemos trabalhar juntos, talvez fizéssemos alguma coisa pela ilha. Helenizá-la.

O braço de Cranly. Seu braço.

— E pensar que você tem de pedir a esses porcos. Eu sou o único que sabe o que você vale. Por que é que você não confia mais em mim? Que é que você fareja contra mim? É por causa de Haines? Se ele fizer mais algum barulho aqui, desço com o Seymour e lhe passaremos um pito pior do que o que se passou em Clive Kempthorpe.

Gritos juvenis de vozes endinheiradas nos aposentos de Clive Kempthorpe. Caras pálidas: sustentam-se as costelas no rir, cutucando-se uns aos outros, oh, vou morrer! Leve-lhe a notícia a ela com doçura, Aubrey! Vou morrer! Com as fraldas em retalhos de sua camisa batendo ao ar, saltita e cambaleia ao redor da mesa, as calças aos pés, perseguido por Ades

do Magdalen com as tesouras de alfaiate. Uma cara de vitelo espavorido dourada de geleia. Não quero que me tirem as calças! Não brinquem de cabra-cega comigo!

Gritos da janela aberta assustando a tarde no pátio. Um jardineiro surdo, de avental, mascarado da cara de Matthew Arnold, empurra sua segadora sobre a relva sombria olhando de perto os segmentos dançarinos dos herbicaules.

Para nós mesmos... neopaganismo... ônfalo.

— Deixe-o ficar — disse Stephen. — Não há nada contra ele a não ser de noite.

— Então, o que é que há? — perguntou com impaciência Buck Mulligan. — Cuspa fora. Sou bastante franco com você. Que é que você tem contra mim?

Pararam, olhando em direção do cabo rombudo de Bray Head, que jazia na água como o rosto de uma baleia adormecida. Stephen despreendeu o braço suavemente.

— Quer que eu diga? — perguntou.

— Sim, quero, o que é que há? — respondeu Buck Mulligan. — Não me lembro de nada.

Olhava o rosto de Stephen no que falava. Uma leve brisa afluía-lhe o cenho, agitando de leve seus louros cabelos despenteados e iluminando pontos argênteos de ansiedade nos seus olhos.

Stephen, deprimido pela própria voz, disse:

— Você se lembra do primeiro dia em que fui à sua casa depois da morte de minha mãe?

Buck Mulligan enrugou rápido o sobrecenho e disse:

— O quê? Onde? Não me lembro de nada. Lembro-me somente de ideias e sensações. Por quê? Que aconteceu, em nome de Deus?

— Você estava fazendo chá — dizia Stephen — e eu cruzei o patamar para buscar mais água quente. Sua mãe e alguma visita vinham da sala. Perguntou-lhe quem estava em seu quarto.

— É? — disse Buck Mulligan. — Que é que eu disse? Não me lembro.

— Você disse — respondeu Stephen — *Oh, é apenas Dedalus, cuja mãe esticou as canelas.*

Um rubor que o fez parecer mais jovem e mais atraente apontou nas faces de Buck Mulligan.

— Foi isso o que eu disse? — perguntou. — Muito bem. Que mal há nisso? Despejava nervosamente seu embaraço.

— E o que é a morte — perguntava —, a de sua mãe ou a sua ou a minha? Você viu apenas a morte de sua mãe. Eu as vejo cada dia na Mater ou em Richmond pipocar e na sala de dissecação pôr as tripas à mostra. É uma coisa animal e nada mais. Apenas não conta. Você não conseguiu ajoelhar-se para rezar por sua mãe no seu leito de morte, quando ela lhe pediu. Por quê? Porque você tem esse amaldiçoado sangue jesuíta em suas veias, mas correndo em sentido contrário. Para mim tudo isso é risível e animal. Seus lobos cerebrais não funcionam. Ela chama o doutor sir Peter Teazle que lhe colhe botões-de-ouro da fronha. Faça-se-lhe mimo até que acabe. Você se opõe à sua última vontade na hora da morte e me vem lamuriar-se contra mim porque não a pranteio como uma carpideira do Lalouette. É um absurdo! Admito que tenha dito isso. Não significa que era minha intenção ofender a memória de sua mãe.

Falava para assenhorear-se de si mesmo. Stephen, escudando as feridas abertas que suas palavras vinham deixando em seu coração, disse muito frio:

— Não pensava na ofensa à minha mãe.

— Pensava em quê, então? — perguntou Buck Mulligan.

— Na ofensa a mim — respondeu Stephen.

Buck Mulligan girou sobre os tornozelos.

— Oh, mas que sujeito difícil! — exclamou.

Pôs-se a andar rápido ao longo do parapeito. Stephen ficou no seu lugar, mirando por sobre o mar calmo em direcção do cabo de terra. Mar e cabo faziam-se agora escuros. pulsações percutiam em seus olhos, velando-lhe a vista, e ele sentia febre nas faces.

Uma voz de dentro da torre chamou alto:

— Você está aí em cima, Mulligan?

— Estou descendo — respondeu Buck Mulligan.

Voltou-se para Stephen e disse:

— Olhe o mar. Que lhe importam ofensas? Espante o Loyola, Kinch, e deçamos. O saxônio quer seu toucinho matinal.

Sua cabeça parou de novo por instante no topo da escada, ao nível do forro.

— Não fique ruminando essas coisas o tempo todo — disse. — Sou um inconsequente. Deixe de remoer esse moinho.

A cabeça desapareceu, mas a azoada da sua voz evanescente escapava da boca da escada:

*Nem mais a um canto ruminar
Do amor o místico amargor
Pois Fergus doma os carros brônzeos*

Vegetissombras flutuavam silentes na paz matinal desde o topo da escada ao mar que ele contemplava. Da borda para fora o espelho do mar branquejava; esporeado por precípites pés lucífugos. Colo branco do mar pardo. Ictos gêmeos, dois a dois. Mão dedilhando harpicordas fundindo-lhes os acordes geminados. Undialvas palavras acopladas tremeluzindo sobre a maré sombria.

Uma nuvem começava a encobrir o sol, lentamente, sombreando a baía em verde mais fundo. Jazia atrás dele um vaso de águas amargas. A canção de Fergus: eu cantava-a sozinho em casa, sustendo os longos acordes baixos. Sua porta ficava aberta: ela queria ouvir minha música. Silencioso de reverência e piedade aproximei-me do seu leito. Chorava no seu leito miserável. Por estas palavras, Stephen: do amor o místico amargor.

Onde agora?

Seus segredos: velhos leques de plumas, cartões de dança debruados polvilhados de almíscar, um atavio de contas de âmbar na sua gaveta cerrada. Uma gaiola pendia de sua janela ensolarada quando era menina. Ouvira o velho Royce cantar na pantomima de Turko o terrível e rira com os outros quando cantava:

*Sou o guri
Que sente e ri
Com o Invisível.*

Júbilo fantasmal, revoluto: almíscarperfumado.

Nem mais a um canto ruminar.

Revoluto na memória da natureza com seus brinquedos. Lembranças assaltam-lhe o cérebro meditabundo. Seu copo dela com a água da bica da cozinha, para depois que houvera comungado. Uma descaroçada maçã,

recheada de açúcar mascavo, assada para ela à lareira em sombria tarde de outono. Suas unhas bem feiçoadas carminadas do sangue de piolhos esmagados das camisas das crianças.

Em sonho, silenciosamente, ela lhe viera a ele, seu corpo gasto dentro de largas vestes funéreas exalando um odor de cera e de pau-rosa, seu hálito pendido sobre ele com mudas palavras secretas, um esmaecido odor de cinzas molhadas.

Seus olhos perscrutadores, fixando-se-me da morte, para sacudir e dobrar minha alma. Em mim somente. O círio dos mortos a alumiar sua agonia. Lume agonizante sobre face torturada. Seu áspero respirar ruidoso estertorando-se de horror, enquanto todos rezavam aos seus pés. Seus olhos sobre mim para redobrar-me. *Liliata rutilantium te confessorum turma circumdet: iubilantium te virginum chorus excipiat.*

Necrófago! Mascador de cadáveres!

Não, mãe. Deixa-me ser e deixa-me viver.

— Kinch, ó!

A voz de Buck Mulligan reboava de dentro da torre. Fez-se mais perto do topo da escada, chamando de novo. Stephen, ainda trêmulo ao grito da sua alma, ouvia a quente luz do sol a vibrar e no ar detrás dele palavras carinhosas.

— Dedalus, venha, seja um bom sujeito. A comida está pronta. Haines pede desculpas por nos ter acordado de noite. Tudo está nos eixos.

— Já vou — disse Stephen, voltando-se.

— Venha, por amor de Deus — dizia Buck Mulligan. — Por amor de mim e por amor de todos.

Sua cabeça desapareceu e reapareceu.

— Falei-lhe a respeito do seu símbolo da arte irlandesa. Ele achou muito inteligente. Veja se lhe arranca alguma coisa, sim? Um guinéu, esclareço.

— Eu recebo hoje — disse Stephen.

— Daquela infecta escola? — disse Buck Mulligan.

— Quanto? Quatro librinhas? Empréstimo-nos uma.

— Como queira — disse Stephen.

— Quatro luzidos soberanos — gritava Buck Mulligan com alegria. — Vamos ter uma bebedeira maravilhosa de espantar os druidas druídicos. Quatro soberanos onnipotentes.

Ergueu os braços e pataleou pelos degraus de pedra abaixo, cantando desentoado com sotaque *cockney*:

*Eh gente, vamos folgar
Com uísque, vinho e cerveja
Na coroação,
No dia da coroação?
É gente, vamos folgar
No dia da coroação?*

Sol quente brincando sobre o mar. O níquel do vaso de barbear brilhava esquecido, sobre o parapeito. Por que deveria eu levá-lo para baixo? Ou deixá-lo aí o dia inteiro, amizade esquecida?

Aproximou-se dele, deteve-o por instantes entre as mãos, sentindo-lhe o frescor, o cheiro da baba viscosa da espuma em que estava mergulhado o pincel. Assim levei então o incensário em Clongowes. Sou agora outro, mas, ainda assim, o mesmo. Um servidor também. O servo de um servidor.

Na escura sala abobadada da torre a forma enroupada de Buck Mulligan movia-se ágil daqui para ali perto da lareira, escondendo e mostrando a nitência amarela. Dois fustes de luz suave tombavam sobre o chão lajeado do alto das barbacãs; e na convergência dos seus raios uma nuvem de fumo de carvão e fumaça de banhas fritas flutuava, volteando.

— Vamos sufocar-nos — disse Buck Mulligan. — Haines, abra a porta, sim?

Stephen pousou o vaso de barbear sobre o armário. Um indivíduo alto levantou-se da hamaca em que estivera sentado, dirigiu-se à porta e abriu-lhe as folhas internas.

— Você tem a chave? — perguntou uma voz.

— Dedalus está com ela — disse Buck Mulligan. — Janey Mack, estou sufocando.

Berrou, sem tirar os olhos do fogo:

— Kinch!

— Está na fechadura — disse Stephen, avançando.

A chave arranhou duas voltas em atrito e, quando a pesada porta se escancarou, bem-vindo ar lícido e leve entrou. Haines permaneceu à porta, olhando para fora. Stephen arrastou sua valise revirada para perto da mesa e sentou-se a esperar. Buck Mulligan despejou a fritura na travessa ao lado dele. Em seguida, trouxe a travessa e uma chaleira grande para cima da mesa, pousou-as pesadamente e resfolegou aliviado.

— Estou derretendo — disse — como observou a vela quando... Chega. Nem mais uma palavra sobre a questão. Kinch, acorde. Pão, manteiga, mel. Haines, venha. A gororoba está pronta. Abençoa-nos, ó Senhor, e a estes dons teus. Onde está o açúcar? Ó cretino, não há leite.

Stephen retirava o pão, o pote de mel e a manteigueira do armário. Buck Mulligan deixava-se sentar num mau humor súbito.

— Que espécie de lorpa é essa? — dizia. — Eu bem que lhe disse que aqui estivesse logo depois das oito.

— Podemos bebê-lo puro — disse Stephen. — Há um limão no armário.

— Oh, para o diabo, você e suas modas parisienses — disse Buck Mulligan. — O que eu quero é leite de Sandycove.

Haines chegava da porta da frente e dizia calmo:

— A mulher está chegando com o leite.

— Que Deus o abençoe — gritou Buck Mulligan, pulando na cadeira. — Sente-se. Sirva o chá. O açúcar está no saco! Já me bastou a danação de domar estes ovos.

Despedaçou a fritura da travessa e transbordou-a pelos três pratos dizendo:

— *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.*

Haines sentou-se para servir o chá.

— Estou pondo dois torrõezinhos para cada um — dizia. — Mas noto que você, Mulligan, faz chá forte, não é?

Buck Mulligan, no que serrava grossas fatias de pão, dizia com persuasiva voz de velha:

— Quando fauço chá, fauço chá, como dizia a mãezinha Grogan. E quando fauço água, fauço água.

— Por Jove, é chá — dizia Haines.

Buck Mulligan prosseguia serrando e falseteando:

— *Assim fauço, senhora Cahill*, dizia ela. *Praza a Deus, dona*, dizia a senhora Cahill, *que vosmicê não faça os dois no mesmo pote.*

Estendeu para cada um dos seus comensais uma espessa fatia de pão, empalado na sua faca.

— Isso são gestas populescas — disse com tom doutoral — para seu livro, Haines. Cinco linhas de texto e dez páginas de notas sobre o povo e os piscideuses de Dundrum. Impressas pelas Parcas no ano do grande vento.

Voltou-se para Stephen e perguntou-lhe com insinuante voz inquiridora, alteando as sobrancelhas:

— Lembrar-se-á, irmão, se o pote de chá e de água da mãezinha Grogan é referido no Mabinogion ou nos Upanishads?

— Não o creio — disse Stephen com gravidade.

— Não o crê? — disse Buck Mulligan no mesmo tom. — Dê suas razões, lhe rogo.

— Espelho — disse Stephen no que comia — que isso não está nem dentro nem fora do Mabinogion. A mãezinha Grogan, é de supor, era uma consanguínea de Maria Ana.

A face de Buck Mulligan sorria de deleite.

— Encantador — disse com meloso tom amaneirado, mostrando os dentes brancos e piscando os olhos brincalhões. — Crê mesmo que era? Que coisa encantadora.

Então, emborrascando todos os seus traços de súbito, rosou com rascante voz rouquenha no que de novo cortava vigorosamente pão:

*A velha Maria Ana
Não se lhe dá nem se dana,
Mas, levantando as anáguas...*

Tinha a boca repleta de fritura e mastigava e azoava.

O vão da porta se escureceu por uma forma que entrava.

— O leite, senhor.

— Aproxime-se, dona — disse Mulligan. — Kinch, apanhe a jarra.

Uma velha avançou e ficou parada perto do cotovelo de Stephen.

— Faz uma linda manhã, senhor — disse ela. — Graças ao Senhor.

— A quem? — perguntou Mulligan, lançando-lhe um rápido olhar. — Ah, sim, tem razão!

Stephen inclinou-se para trás e pegou a leiteira do armário.

— Os ilhéus — disse Mulligan para Haines com um tom descuidado — falam com frequência do colecionador de prepúcios.

— Quanto, senhor? — perguntou a velha.

— Um quarto — fez Stephen.

Viu-a verter na medida e desta na jarra um branco leite generoso, não o dela. Velhas mamas flácidas. Verteu de novo uma medida inteira e uma quebra. Vetusta e misteriosa, viera de um mundo matinal, uma talvez mensageira. Louvara a bondade do leite, vertendo-o. Acorada a uma vaca paciente manhãzinha no campo exúbere, bruxa sobre seu cogumelo do diabo, seus

dedos nodosos rápidos nas tetas cremosas. Mugia-lhe ao redor dela, que a conhecia, o gado aljofarcetinado. Seda da criação e pobre velhinha, nomes a ela dados nos bons velhos tempos. Errabunda anciã, forma humilde de uma imortal servindo seu conquistador e seu alegre sedutor, concubina de ambos, mensageira vinda da manhã secreta. Para servir ou para exprobrar, ele não o sabia: mas repugnava-lhe rogar seus favores dela.

— É ele sem a menor dúvida, dona — dizia Buck Mulligan, servindo o leite nas xícaras.

— Prove, senhor, prove — dizia ela.

Ele bebeu às instâncias dela.

— Se ao menos pudéssemos viver de bom alimento como este — dizia-lhe ele, algo gritado — não estaríamos com o país cheio de dentes cariados e de intestinos podres. Vivendo num pântano de lama, comendo alimentos ordinários e com as ruas cobertas de poeira, de bosta de cavalo e escarros de étegos.

— O senhor é estudante de artes médicas, senhor? — perguntou a velha.

— Sim, dona, sou — respondeu Buck Mulligan.

Stephen ouvia em silêncio exprobrativo. Ela inclina a velha cabeça à voz que lhe fala alto, seu curandeiro, seu mezinheiro; a mim ela me desconsidera. A voz que a expenitenciará e a ungerà para a tumba, a ela toda, menos sua carcaça suja de mulher, sua carne mortal não feita à imagem de Deus, a presa da serpente. E à voz alta que agora lhe infunde esse silêncio de olhos inseguros e surpresos.

— Entende o que ele lhe diz? — perguntou-lhe Stephen.

— É francês que está falando, senhor? — perguntou a velha a Haines.

Haines falou-lhe de novo, com fala mais compassada, confiadamente.

— Irlandês — disse Buck Mulligan. — Há alguma coisa de gaélico em você?

— Pensei, pela toada, que era irlandês — disse ela. — O senhor é do oeste?

— Sou inglês — respondeu Haines.

— Ele é inglês — disse Buck Mulligan — e pensa que na Irlanda deveríamos falar irlandês.

— Devíamos de facto — disse a velha — e eu mesma tenho vergonha de não falar a língua. Dizem-me os que a falam que é uma língua e tanto.

— Tanto não é a palavra — disse Buck Mulligan. — Totalmente maravilhosa. Encha-me mais uma xícara de chá, Kinch. Gostaria de tomar uma xícara, dona?

— Não, muito obrigada, meu senhor — disse a velha, enfiando a argola da leiteira no antebraço e prestes a sair.

Haines disse-lhe:

— Quanto é a conta? Não seria, Mulligan, melhor pagar-lhe agora, não? Stephen enchia as três xícaras.

— Conta, senhor? — disse ela, parando. — Bem, são sete manhãs a quartilho de dois pences são duas vezes sete são um xelim e dois pences antes e nestas três manhãs uma quarta de quatro pences são três quartas são um xelim e um e dois são dois e dois, senhor.

Buck Mulligan suspirou e, tendo enchido a boca com uma côdea espessamente amanteigada dos dois lados, espichou as pernas e começou a rebuscar dentro dos bolsos das calças.

— Pague e não bufe — disse-lhe Haines sorridente.

Stephen enchia uma terceira xícara, uma colherada de chá colorindo esmaecido o grosso leite generoso. Buck Mulligan sacou um florim, girou-o entre os dedos e gritou:

— Milagre!

Estendeu-o por sobre a mesa para a velha, dizendo:

— Não me peça nada mais, minha doçura. Tudo que posso dar-lhe estou dando.

Stephen pousou a moeda na mão hesitante dela.

— Ficamos devendo dois pences — disse ele.

— Não há pressa, senhor — disse ela, segurando a moeda. — Não há pressa. Bom-dia, senhor.

Fez uma reverência e saiu, seguida pelo terno canto de Buck Mulligan:

*Alma de minha alma, se mais houvera
Mais te pusera, junto aos teus pés.*

Voltou-se para Stephen e disse:

— No sério, Dedalus. Estou liso. Corra para a sua escola infecta e arranje-nos algum dinheiro. Os bardos precisam hoje de beber e folgar. A Irlanda espera que neste dia cada homem cumpra com o seu dever.

— Isso me lembra — disse Haines, levantando-se — que hoje vou visitar sua biblioteca nacional.

— Primeiro, nosso banho — disse Buck Mulligan.

Tornou-se para Stephen e perguntou-lhe blandicioso:

— Não será este o dia de sua lavagem mensal, Kinch?

Em seguida disse a Haines:

— O bardo sujo tem como pundonor lavar-se uma vez por mês.

— A Irlanda toda é lavada pela corrente do golfo — dizia Stephen no que deixava o mel gotejar sobre uma fatia de pão.

Haines, do canto onde passava ao pescoço um lenço folgado por dentro do colarinho aberto de sua camisa de tênis, disse:

— Pretendo, se vocês não objectarem, fazer uma recolha dos seus ditos.

Falando para mim. Lavam-se, limpam-se, esfregam-se. Remordida do imo-senso. Consciência. Todavia eis esta mancha.

— O do espelho rachado da criada como símbolo da arte irlandesa é infernalmente bom.

Buck Mulligan escoiceou o pé de Stephen por debaixo da mesa e disse em tom caloroso:

— Espere até ouvi-lo sobre o Hamlet, Haines.

— Bem, mas é de facto minha intenção — disse Haines, ainda falando para Stephen. — Estava justamente pensando no assunto quando chegou aquela pobre velha.

— Isso me renderia algum dinheiro? — perguntou Stephen.

Haines riu-se e, pegando do chapéu de feltro cinzento do cabide da hamaça, disse:

— Não sei, estou certo.

Encaminhou-se para a porta. Buck Mulligan inclinou-se para Stephen e disse-lhe com dureza vulgar:

— Mas que patada! Mas para que isso?

— E daí? — disse Stephen. — A questão é arranjar dinheiro. De quem? Da leiteira ou dele. Questão de cara ou coroa, penso eu.

— Encho a cabeça dele de você — dizia Buck Mulligan — e depois vem você com suas indiretas sarnentas e seu mofino escárnio jesuítico.

— Não vejo esperança — disse Stephen — nem do lado dela nem do lado dele.

Buck Mulligan suspirou tragicamente e pousou a mão sobre o braço de Stephen.

— Mas do lado meu, Kinch — disse.

E num tom mudado, de chofre, acrescentou:

— Para dizer-lhe a verdade de Deus, creio que você está com razão. Eles todos não valem um caracol. Mas por que não manobrá-los, como eu faço? Que todos vão para o inferno. Saíamos desta pocilga.

Ergueu-se, desatou e desvestiu solene o roupão, dizendo resignadamente:

— Mulligan é despojado de suas véstias.

Esvaziou os bolsos sobre a mesa.

— Aqui está o seu trapo de meleca — disse.

E pondo-se o colarinho duro e a gravata rebelde, falava-lhes, censurando-os, e à sua corrente de relógio pendida. Suas mãos mergulhavam e remexiam pelo seu torso no que chamava por um lenço limpo. Remordida do imo-senso. Por Deus, o que importa é trajar a personagem. Quero luvas violeta e botinas verdes. Contradição. Contradigo-me a mim mesmo? Muito bem, então, contradigo-me a mim mesmo. Malachi mercurial. Um mole projétil negro desvoou de suas mãos facundas.

— E aí vai o seu chapéu do Quartier Latin — disse.

Stephen o aparou e o pôs sobre a cabeça. Haines chamava-os à porta de entrada:

— Eh, gente, vocês vêm?

— Estou pronto — respondeu Buck Mulligan rumando para a porta. — Venha, Kinch. Você comeu tudo que restou, pelo que vejo.

Recomposto, cruzou o umbral, com palavras e passos graves, dizendo, um quê de pesar:

— E ao sair encontrou Butterly.

Stephen, pegando de seu estoque de freixo do porta-bengala, seguiu-os no que desciam os degraus, puxou a perra porta de ferro e fechou-a. Pôs a chave enorme num bolso de dentro.

Ao pé da escada, Buck Mulligan perguntou:

— Trouxe a chave?

— Trouxe — disse Stephen, pondo-se à frente deles.

Continuou. Atrás ouvia Buck Mulligan bater com sua pesada toalha de banho as hastes altas dos fetos ou da grama.

— Basta, senhor. Como é que se atreve, senhor?

Haines perguntou:

— Você paga aluguel pela torre?

— Doze librotas — disse Buck Mulligan.

— Ao secretário de Estado da Guerra — acrescentou Stephen por sobre a espádua.

Pararam enquanto Haines examinava a torre e dissesse por fim:

— Algo gelada no inverno, imagino. Chamam-lhe Martello, não é?

— Billy Pitt mandou construí-las — dizia Buck Mulligan — quando os franceses estavam ao mar. Mas a nossa é a *omphalos*.

— Que é que você pensa de Hamlet? — perguntou Haines a Stephen.

— Não, não — berrou Buck Mulligan azedo. — Não sou como Tomás de Aquino e as cinquenta e cinco razões que o sustinham. Esperem até que eu tenha uns quantos quartilhos em mim.

Voltou-se para Stephen dizendo, no que esticava para baixo cuidadosamente as pontas de seu colete amarelo-claro:

— Você não poderia, aliás, soltar a coisa com menos de três quartilhos, poderia, Kinch?

— Isso esperou tanto — disse Stephen com indiferença — que pode esperar um pouco mais.

— Você espicaça a minha curiosidade — disse Haines boamente. — Trata-se de algum paradoxo?

— Bah! — disse Buck Mulligan. — Já nos libertamos de Wilde e dos paradoxos. A coisa é muito simples. Ele prova algebricamente que o neto de Hamlet é o avô de Shakespeare e que ele mesmo é o espírito do próprio pai.

— O quê — dizia Haines, começando por apontar para Stephen. — Ele próprio?

Buck Mulligan envolvia a toalha como estola ao redor do pescoço e, inclinando-se ao riso solto, dizia aos ouvidos de Stephen:

— Ó sombra de Kinch, o ancestral! Jafé à procura de um pai!

— Nós estamos sempre cansados pela manhã — disse Stephen a Haines. — E a coisa é mais ou menos longa de contar.

Buck Mulligan, andando à frente de novo, levantava as mãos.

— Só o sagrado quartilho pode desatar a língua de Dedalus — dizia.

— O que eu acho — Haines explicava-se a Stephen, no que seguiam — é que esta torre e estas escarpas daqui sugerem-me de certo modo Elsinore. *Que salta de suas bases sobre o mar, não é isso?*

Buck Mulligan voltou-se de súbito por um instante para Stephen, mas nada disse. No luminoso instante silente Stephen viu a própria imagem de luto poeirento e barato em meio aos trajes garridos deles.

— É uma história maravilhosa — dizia Haines, levando-os a parar outra vez.

Olhos, pálidos como o mar que o vento refescara, mais pálidos, fixos e prudentes. Senhor dos mares, ele mirava para o sul a baía, vazia, salvo pelo penacho de fumaça do barco-correio, esbatido contra o horizonte luzidio, e um veleiro bordejando ao longo de Muglins.

— Já li uma interpretação teológica disso em algum lugar — disse ele compenetrado. — A ideia do Pai e do Filho. O Filho lutando por consubstanciar-se com o Pai.

Logo em seguida Buck Mulligan estampou uma radiosa cara largamente ridente. Olhava-os, sua boca bem torneada aberta de felicidade, os olhos, de que desaparecera de repente todo sentido astuto, pestanejando de louco júbilo. Movia a cabeça de boneco a torto e a direito, as abas de seu chapéu-panamá tremulando, e principiou a cantar numa tranquila boba voz feliz:

*Bem raro, ao que sei, sou um rapazinho.
Mamãe é judia, papai, passarinho,
Ao Zeca carpina meu gênio é contrário,
Saúde discípulos, saúde Calvário.*

Levantou um indicador em admoção.

*Se alguém duvidar que eu não sou divino,
Meu vinho não tem, que é bem cristalino
Vai ter água só, pois volto a água pura
O vinho que eu faço após a aventura.*

Enlaçou vivamente o estoque de freixo de Stephen a modos de despedida, correndo para uma saliência das escarpas, adejou as mãos de lado como aletas ou asas de um ser prestes a alçar-se aos ares, e cantou:

*Adeus, oh, adeus, escrevi meus ditos,
Renasci, dissei aos Zés, Beneditos,
Voar é das minhas fontes fagueiras
Ao vento do horto das Oliveiras.*

Cabriolava diante deles como se em direção ao fundo do fosso de quarenta pés, adejando as mãos aladas, saltitando lépido, tremulando-lhe o pétaso de Mercúrio à doce brisa que lhes devolvia a eles seus rápidos pios de pássaro.

Haines, que se mantivera a rir comedido, caminhava ao lado de Stephen e dizia:

— Não sei se devíamos rir. Ele está sendo um tanto blasfemo. Quanto a mim, não sou crente, entenda-se. Mas o facto é que sua alegria retira um pouco do mal, não é? Como é que lhe chama? Zeca carpina?

— Balada do Jesus Brincalhão — respondeu Stephen.

— Ah — disse Haines —, você já a tinha ouvido antes?

— Três vezes ao dia, depois das refeições — disse Stephen, lacônico.

— Você não é crente, é? — perguntou Haines. — Explico-me, crente no sentido restrito da palavra. Criação do nada e milagres e um Deus personalizado.

— Só há um sentido para a palavra, parece-me — disse Stephen.

Haines parou para retirar uma carteira de prata polida em que brilhava uma pedra verde. Abriu-a sob pressão do polegar e ofereceu.

— Obrigado — disse Stephen, tomando de um cigarro.

Haines serviu-se e fechou-a com um estalido. Repô-la no bolso do lado e retirou do bolso do colete um isqueiro niquelado, fê-lo pegar e, tendo acendido seu cigarro, aproximou dentro da concha de suas mãos o pavio chamejante a Stephen.

— Sim, com efeito — disse, ao seguirem adiante de novo. — Ou se crê ou não se crê, não é? Eu pessoalmente não posso engolir essa ideia de um Deus personalizado. Você não a defende?

— Você tem em mim — fez Stephen com desprazer cruel — um tremendo exemplo de livre-pensador.

Continuou a andar, esperando do outro a iniciativa da palavra, arrastando de lado o estoque. A ponteira deste seguia-lhe lépida as pegadas, tilintando-lhe aos calcanhares. Familiar meu, detrás de mim, chamando Steeeeeeeeephen. Uma linha ondulante ao longo do caminho. Andarão por ele esta noite, vindo aqui pelo escuro. Ele quer a chave. É minha, paguei o aluguel. Agora, como o seu pão de sal. Dê-lhe a chave também. Tudo. Ele pedirá. Isso estava em seus olhos.

— Em suma... — Haines começou.

Stephen voltou-se e viu que o olhar frio que o media não era todo inamistoso.

— Em suma, não ignoro que você é capaz de liberar-se. Você é senhor dos seus atos, eis minha opinião.

— Sou o servidor de dois senhores — disse Stephen —, um inglês e o outro italiano.

— Italiano? — disse Haines.

Uma rainha louca, velha e ciumenta. Ajoelha-te diante de mim.

— E um terceiro — disse Stephen — há por aí que me quer para os seus biscates.

— Italiano? — disse de novo Haines. — Quer explicar-se?

— O Estado imperial britânico — respondeu Stephen, enrubescendo — e a Santa Igreja Apostólica e Católica Romana.

Haines pinçou do lábio inferior umas fibras de tabaco, antes de falar.

— Posso entender isso muito bem — disse, calmamente. — Ouso crer que um irlandês deve pensar assim. Sentimos na Inglaterra que os tratamos de maneira mais para o injusto. Parece que a culpa cabe à História.

Os orgulhosos títulos potentes ressoavam na memória de Stephen o triunfo de seus sinos brônzeo-impudicos: *et unam sanctam catholicam et apostolicam ecclesiam*: o lento crescer e evoluir do rito e do dogma como seu próprio precioso pensar dele, uma química de estrelas. Símbolo dos apóstolos na missa do papa Marcelo, as vozes uníssonas, cantando um solo solto de afirmação: e por trás desse canto, o anjo vigilante da igreja militante desarmava e ameaçava os heresiarcas. Uma horda de heresias moscando-se com as mitras enviesadas: Fócio e a raça dos galhofeiros de que Buck Mulligan era um, eÁRIO, guerreando a vida inteira quanto à consubstancialidade do Filho com o Pai, e Valentim, menosprezando o corpo terrenal de Cristo, e o sutil heresiarca africano Sabélio, que sustentava ser o Pai Ele mesmo Seu próprio Filho. Palavras, Mulligan as proferira um momento antes em galhofa ao estrangeiro. Vã galhofa. O vazio espera certo todos os que tecem o vento: uma ameaça, um desarme, uma derrota, por esses anjos aguerridos da Igreja, falange de Miguel, que a defende sempre na hora do conflito com suas lanças e seus escudos.

Muito bem, bravo. Aplausos prolongados. *Zut! Nom de Dieu!*

— Sou um britânico, é verdade — dizia a voz de Haines —, e isso me sinto. Nem quero ver minha terra tombar nas mãos dos judeus alemães tampouco. E neste momento, creio, esse é o nosso problema nacional.

Dois homens estavam no topo da escarpa, olhando: negociante, marítimo.

— Ruma para a angra de Bullock.

O marítimo nutou para o norte da baía com certo desdém.

— Por aquela banda há cinco braças — disse. — Será levado para lá quando a maré chegar dentro de uma hora. Hoje faz nove dias.

O homem que se afogara. Um veleiro guinando pela baía vazia esperando que uma carcaça inchada flutuasse, virasse para o sol sua cara balofa, branca de sal. Aqui estou.

Baixaram pela senda tortuosa até a ria. Buck Mulligan estava em pé sobre uma pedra, em mangas de camisa, a gravata desafivelada flutuando por sobre o ombro. Um jovem, agarrando-se a um esporão de rocha próximo à dele, movia lento a modo de rã as pernas verdes na geleia funda da água.

— Seu irmão está com você, Malachi?

— Está em Westmeath. Com os Bannons.

— Ainda? Recebi uma carta de Bannon. Diz que topou por lá com uma garota deliciosa. Chama-lhe garota-fotografia.

— Instantâneo, não é? Exposição curta.

Buck Mulligan sentou-se para desatar as botas. Um homem maduro ejectou rente ao esporão da rocha a vermelha cara resfolegante. Grimpou rastejante pedra a pedra, a água luzindo-lhe a cachola e a grinalda de cabelos grisalhos, a água borboteando-lhe pelo peito e pela pança e cascadeando em jatos da sunga preta pendente.

Buck Mulligan deu-lhe passagem para que se arrastasse para trás dele e, esgueirando um olhar a Haines e Stephen, persignou-se piamente com a unha do polegar pelo cenho, lábios e esterno.

— Seymour está de volta à cidade — disse o jovem, agarrado de novo ao esporão da rocha. — Deu o fora no estudo de medicina e vai tentar o exército.

— Ah, que vá para o diabo — disse Buck Mulligan.

— Segue na próxima semana para pagar seus pecados. Você conhece aquela garota ruiva do Carlisle, a Lily?

— Sei.

— Estava de esfregação com ele, na noite passada, no cais. O pai dela está podre de dinheiro.

— Ela já sabe manejar as bolas?

— É melhor perguntar ao Seymour.

— Seymour, um oficial de droga — disse Buck Mulligan.

Nutou de si para si no que arrancava as calças e se levantava, dizendo cruamente:

— As ruivas fazem galinhagens como cabras.

Descontinuou num alarme, tacteando-se as ilhargas sob as fraldas da camisa.

— Minha décima segunda costela desapareceu — gritava. — Sou o *Übermensch*. Kinch, o desdentado, e eu, o super-homem.

Desvencilhou-se da camisa e atirou-a para trás junto de suas roupas.

— Você vai cair, Malachi?

— Sim, vou. Abra alas.

O jovem recuou por dentro de água e atingiu o meio da ria em duas longas braçadas precisas. Haines sentou-se sobre uma rocha, fumando.

— Você não vem entrar? — perguntou Buck Mulligan.

— Mais tarde — disse Haines. — Não logo depois de comer.

Stephen distanciava-se.

— Já vou indo, Mulligan — disse.

— Deixe-nos a chave, Kinch — disse Buck Mulligan —, para reter minha *chemise* esticada.

Stephen entregou-lhe a chave. Buck Mulligan depositou-a por sobre as roupas amontoadas.

— E dois pences — disse — para um quartilho. Jogue-os ali.

Stephen atirou-os por cima do mole apanhado. Vestindo-se, despindo-se. Buck Mulligan erecto, as mãos juntas por diante, dizia solene:

— Quem rouba ao pobre empresta a Deus. Assim falou Zaratustra.

Seu fornido corpo mergulhou.

— Já-já a gente se vê — disse Haines, voltando-se no que Stephen subia a senda, sorrindo do seu próprio irlandismo.

Corno de touro, casco de cavalo, riso de saxão.

— No Ship — gripou Buck Mulligan. — Meio-dia e meia.

— Está bem — disse Stephen.

Subia pela sobrondulante senda.

Liliata rutilantium.

Turma circumdet.

Iubilantium te virginum.

O grisalho resplendor de sacerdote no nicho em que ele se vestia discretamente. Não dormirei aqui esta noite. Para casa também não posso ir.

Uma voz, abemolada e sustentada, chamava-o do mar. Numa volta acenou com a mão. Chamava-o de novo. Uma lisa cabeça parda, de foca, adentro na água, redonda.

Usurpador.

— Você, Cochrane, que cidade apelou para ele?

— Tarento, senhor.

— Muito bem. E então?

— Houve uma batalha, senhor.

— Muito bem. Onde?

O rosto vazio do garoto interrogava a janela vazia.

Efabulada pelas filhas da memória. Mas o fato é que a houvera, ainda que não tal como a memória a efabulara. Uma frase, então, de impaciência, rufar do excesso de asas de Blake. Ouço a ruína de todo espaço, vidros estilhaçados e alvenaria derruída, e um instante de lívida chama final. E o que nos restou então?

— Esqueci-me do lugar, senhor. Duzentos e setenta e nove antes de Cristo.

— Asculum — disse Stephen, lançando um olhar ao nome e data no livro sanguinirrajado.

— É mesmo, senhor. E ele disse: *Uma outra vitória como esta e estamos perdidos.*

Essa frase o mundo a retivera. Ócio embotado da mente. De uma colina por sobre a planície cadaverijuncada, um general falando aos seus oficiais, arrimado à sua lança. General qualquer a oficiais quaisquer. Eles aguçam a atenção.

— Você, Armstrong — disse Stephen. — Qual foi o fim de Pirro?

— O fim de Pirro, senhor?

— Eu sei, senhor. Pergunte a mim, senhor — dizia Comyn.

— Espere. Você, Armstrong. Você sabe alguma coisa sobre Pirro?

Um saquitel de enfiadas de figos jazia cômodo na pasta de Armstrong. Ele os dobrava vira e mexe nas palmas e os engolia suavemente. Migalhas aderiam-se-lhe aos tecidos dos lábios. Hálito de garoto adocicado. Gente bem, orgulhosa de que o primogênito estivesse na marinha. Vico Road, Dalkey.

— Pirro, senhor? Pirro, um píer.

Todos riram. Irridente riso cheio de malícia. Armstrong olhava à roda para os colegas, graça boba de perfil. Num instante se rirão mais alto, seguros de minha falta de ascendência e das contribuições que os papais pagam.

— Explique-me então — disse Stephen, tocando com o livro o ombro do garoto — que é um píer?

— Um píer, senhor — disse Armstrong. — Um troço que avança pelo mar. Uma espécie de ponte. O píer de Kingstown, senhor.

Alguns riram de novo: irridentes mas intencionantes. Dois cochichavam nos bancos de trás. Sim. Eles sabiam: nem nunca haviam aprendido, nem jamais haviam sido inocentes. Todos. Examinava-lhes com inveja os rostos. Edith, Ethel, Gerty, Lily. Da mesma laia: seus hálitos, também, adocicados de chá e geleia, seus braceletes rindo tilintantes nos embates.

— O píer de Kingstown — disse Stephen. — Sim, uma ponte frustrada. As palavras desorientavam-lhes o olhar.

— Como, senhor? — perguntou Comyn. — Uma ponte é por cima de um rio.

Para o perolário de Haines. Ninguém aqui para ouvir. Esta noite à vontade em meio à bebida e conversação desgarradas, para perfurar a polida cota de malha de sua mente. E o que então? Um bobo na corte do seu senhor, tolerado e menosprezado, conquistando uma loa do senhor clemente. Por que tinham todos escolhido esse papel? Não inteiramente pelo mimo fácil. Para eles também a História era um conto como tantos outros tão ouvidos, sua terra um monte de socorro.

Não tivesse Pirro tombado às mãos de uma megera em Argos ou Júlio César sido apunhalado de morte? Não são para não serem pensados. O tempo ferreteou-os e agrilhoou-os, eles estão alojados no compartimento das possibilidades infinitas que eles expulsaram. Mas podem estas ter sido possíveis atendendo a que nunca foram? Ou era só possível a que ocorreu? Tece, tecedor do vento.

— Conte-nos uma história, senhor.

— Conte, senhor, uma de fantasmas.

— Em que ponto continuamos neste? — perguntava Stephen, abrindo outro livro.

— *Não chores mais* — disse Comyn.

— Continue então, Talbot.

— E a história, senhor?

— Depois — disse Stephen. — Continue, Talbot.

Um garoto moreno abriu o livro e fincou-o esperto contra o rebordo de sua sacola. E recitou trancos de verso com olhadelas e meia ao texto:

*Não chores mais, zagal doído, não chores mais
Pois Lycidas, coita tua, não está morto,
Mesmo que imerso das águas sob os cendais.*

Deve ter havido um movimento então, uma efetivação do possível como possível. A frase de Aristóteles se formou a si mesma em meio aos versos parlapatões e sobreflutuava no silêncio estudioso da biblioteca de Santa Genoveva, onde ele lera, abrigado do pecado de Paris, noite a noite. Ao seu cotovelo um siamês delicado esmiuçava um tratado de estratégia. Nutridos e nutrientes cérebros ao meu redor: sob lâmpadas incandescentes, pingentes com filamentos pulsando desmaiados: e na escuridão de minha mente uma preguiça do inframundo, relutando, avessa à claridade, remexendo suas dobras escamosas de dragão. Pensamento é o pensamento de pensamento. Claridade tranquila. A alma é de certo modo tudo que é: a alma é a forma das formas. Tranquilidade súbita, vasta, candescente: forma das formas.

Talbot repetia:

*Pelo caro Poder que andava sobre as ondas,
Pelo caro Poder...*

— Vire a página — disse Stephen placidamente. — Não vejo nada.

— O quê, senhor? — perguntou Talbot com simplicidade, inclinando-se para a frente.

Sua mão virou a página. Empertigou-se e prosseguiu de novo, tendo-se então lembrado. Dele que andara sobre as ondas. Aqui também sobre estes corações covardes paira sua sombra e sobre o coração e os lábios do zombador e sobre os meus. Ele paira sobre os rostos ansiosos dos que lhe ofereciam uma moeda de tributo. A César o que é de César, a Deus o que é de Deus. Um longo olhar de olhos escuros, uma frase cifrada para ser tecida e retecida nos teares da Igreja. Sempre.

*Adivinha, adivinha, adivinho,
Ganhei grãos de semear do paizinho.*

Talbot deslizou o livro fechado para dentro de sua sacola.

— Fiz perguntas a todos? — interrogou Stephen.

— Fez, sim senhor. O hóquei é às dez, senhor.

— Meio dia de folga, senhor. Quinta-feira.

— Quem quer matar uma adivinha? — perguntou Stephen.

Empilhavam os livros, lápis estalando, páginas farfalhando. Amontoando-se todos, passavam e atavam as correias das sacolas, todos tagarelando gárrulos:

— Uma adivinha, senhor? Pergunte a mim, senhor.

— Não, pergunte a mim, senhor.

— Uma difícil, senhor.

— Eis a adivinha — disse Stephen.

*O galo cucuricou
No céu o azul se espraiou:
Celestes sinos de bronze
Bimbalalaram as onze.
Tempo para esta pobre alma
Ter do paraíso a calma.*

— Que é que é?

— O quê, senhor?

— Repita, senhor. Não ouvimos.

Seus olhos ficavam maiores à medida que os versos eram repetidos. Depois de um silêncio, Cochrane disse:

— O que é que é, senhor? Desistimos.

Stephen, com comichão na garganta, respondeu:

— A raposa enterrando a avó debaixo de um azevinho.

Levantou-se e emitiu um brado de riso nervoso ao qual os gritos deles ecoavam consternação.

Um bastão golpeou a porta e uma voz no corredor clamou:

— Hóquei.

Dispersaram-se desjuntados, brotando pelos lados das banquetas, saltando-as. Rápido haviam desaparecido e do quarto de guardados vinha o estrépito dos bastões e o clangor de suas botas e vozes.

Sargent, que só se retardara, avançou lento, mostrando um caderno de cópia aberto. Sua cabeleira emaranhada e pescoço mirrado testemunhavam indecisão e, através de seus óculos embaçados, fracos olhos miravam súplices. Na sua bochecha, fosca e exangue, havia uma leve mancha de tinta, forma de tâmara, nova e húmida como baba de caracol.

Avançou o caderno. A palavra *Cálculos* estava escrita no cabeçalho. Abaixo havia algarismos enviesados e ao pé uma assinatura tortuosa de rabiscos confusos mais um borrão. Cyril Sargent: seu nome e sinete.

— Seu Deasy mandou escrever todos de novo — disse — e mostrar ao senhor.

Stephen tocou nas bordas do caderno. Futilidade.

— Sabe agora como fazê-los? — perguntou.

— Dos números onze a quinze — respondeu Sargent. — Seu Deasy mandou que eu copiasse da pedra, senhor.

— Pode fazer sozinho? — perguntou Stephen.

— Não, senhor.

Feio e fútil: pescoço mirrado e cabeleira emaranhada e um borrão de tinta, baba de caracol. Mas alguém o amara, o aconchegara aos braços e no seu coração dela. Não fora ela o tropel do mundo o houvera esmagado aos pés, esborrachado caracol desossado. Ela havia amado seu fraco sangue aguido sorvido do dela mesma. Era isso então real? A só coisa verdadeira na vida? O corpo prostrado de sua mãe dele o feroso Columbano montara em tesão sagrada. Ela já não era: o esqueleto tremente de uma vergôntea queimada ao fogo, um odor de pau-rosa e cinzas molhadas. Ela o salvara de ser pisoteado e se fora, mal e mal tendo sido. Uma pobre alma ida para os céus: e por sobre um terrunho por sob estrelas piscantes uma raposa, fartum rubro de rapina na pele, com brilhosos olhos impiedosos, raspava a terra, escutava, levantava terra, escutava, raspava e raspava.

Sentados lado a lado Stephen resolvia o problema. Ele prova algebricamente que o espectro de Shakespeare é o avô de Hamlet. Sargent esmiuçava de esguelha através dos óculos oblíquos. Bastões de hóquei estrepitavam no quarto de guardados: o baque surdo de uma bola e os chamamentos do campo.

Ao longo da página os símbolos moviam-se em grave dança mourisca, numa pantomima de caracteres, encapelados de bizarros quadrados e cubos. Dar-se as mãos, cruzar, saudar a comparsa: assim: diabretes da fantasia dos mouros. Idos também do mundo, Averróis e Moisés Maimônides, homens sombrios no gesto e ademanes, lampejando em seus espelhos deformantes a obscura alma do mundo, escuridade brilhando em claridade que a claridade não podia abarcar.

— Compreendeu agora? Pode fazer o segundo sozinho?

— Sim senhor.

Com longos traços rombudos Sargent copiava os dados. Esperando sempre uma palavra de ajuda sua mão dispunha confiante os símbolos instáveis, um desmaiado halo de vergonha bruxuleando por dentro de sua pele fosca. *Amor matris*: genitivo subjetivo e objetivo. Com seu sangue fraco e seu leite agrissorado, ela o nutrira e escondera à visão dos outros suas fraldas cueiras.

Tal qual ele era eu, esses ombros caídos, essa desgraçiosidade. Minha infância aconchega-se ao meu lado. Muito longe para eu pousar nela a mão uma vez ou de leve. A minha é distante e a dele é secreta, como nossos olhos. Segredos, silentes, pétreos, moram nos palácios sombrios dos corações de ambos nós dois: segredos exaustos de sua tirania: tiranos desejosos de serem destronados.

A operação estava pronta.

— É simples, não é? — disse Stephen, levantando-se.

— Sim, senhor. Obrigado — respondeu Sargent.

Secou a página com uma folha fina de mata-borrão e levou de volta para a carteira o seu caderno.

— Você devia apanhar seu bastão e ir para junto dos outros — disse-lhe Stephen, acompanhando rumo da porta a forma desgraçiosa do menino.

— Sim, senhor.

No corredor seu nome se fazia ouvir, chamado do campo de jogo.

— Sargent!

— Corra — disse Stephen. — O senhor Deasy está chamando.

Ficara de pé no pórtico e olhava para o retardatário que se precipitava em direção do campo erichado onde vozes cortantes se disputavam. Eram distribuídos em grupos e o senhor Deasy vinha pisando por sobre os tufos de capim com pés de pisa-mansinho. Quando se aproximou do corpo da escola, as vozes de novo em disputa clamaram por ele. Volveu seu irado bigode branco.

— E o que se passa agora? — gritava ele continuamente sem escutar.

— Cochrane e Halliday estão do mesmo lado, senhor — gritou Stephen.

— Espere-me no meu escritório um instante — disse o senhor Deasy — enquanto restabeleço a ordem aqui.

E no que imponente cruzava de volta o campo sua voz de velho gritava severa:

— Que é que há? Que é?

As vozes cortantes alteavam-se-lhe ao redor de todos os lados: suas muitas formas fechavam-se-lhe em torno, a luz solar berrante branquejando o mel de sua cabeleira mal pintada.

Um azedo ar tabaqueiro pairava no escritório em meio ao cheiro do pardacento couro surrado das cadeiras. Como no primeiro dia em que aqui pechinhou comigo. Como estava no início, está agora. No aparador a bandeja com as moedas dos Stuarts, tesouro torpe de um brejo; e sempre haverão de estar. E aconchegados em seu estojo de colheres de feltro purpurino, fanados, os doze apóstolos após terem pregado a todos os gentios: mundo sem fim.

Um passo apressado na pedra do pórtico e no corredor. Soprando o bigode ralo o senhor Deasy estacou à mesa.

— Primeiro, nosso pequeno ajuste financeiro — disse ele.

Retirou do paletó uma carteira de notas cinturada por uma correia de couro. Esta abriu-se de um estalo e dela retirou ele duas cédulas, uma dobrada ao meio, e colocou-as cuidadosamente sobre a mesa.

— Duas — disse, cinturando e reescondendo a carteira.

E agora seu cofre-forte para o ouro. A mão contrafeita de Stephen movia-se por sobre as conchas amontoadas no frio almofariz de pedra: búzios e amêijoas, lumaches e mariscos zebrados; e esta, espiralada como um turbante de emir, e aquela, vieira de romeiro. A coleta de um velho peregrino, tesouro morto, conchas ocas.

Um soberano caiu, brilhante e novo, sobre a macia espessura do pano de mesa.

— Três — disse o senhor Deasy, girando seu cofrezinho entre as mãos.

— Coisas úteis, estas. Veja. Isto é para os soberanos. Isto é para os xelins, seis pences, meias coroas. E aqui as coroas. Veja.

Fez saltar do cofrezinho duas coroas e dois xelins.

— Três e doze — disse. — Creio que o senhor está de acordo.

— Obrigado, senhor — disse Stephen, recolhendo em bloco o dinheiro com rapidez encabulada e pondo-o de um golpe no bolso das calças.

— Não há de quê, por certo — disse o senhor Deasy. — Fez jus a isso.

A mão de Stephen, livre de novo, retornou às conchas ocas. Símbolos também de beleza e de poder. Um naco em meu bolso. Símbolos aviltados pela cobiça e miséria.

— Não o leve assim — dizia o senhor Deasy. — Vai deixá-lo cair em um lugar qualquer e perdê-lo. Compre um aparelho destes. Verá como são práticos.

Responder algo.

— O meu ficaria vazio quase sempre — disse Stephen.

A mesma sala e hora, a mesma sabedoria: e eu o mesmo. Três vezes já. Três baraços em torno a mim aqui. Bem. Posso rompê-los neste instante se eu quiser.

— É porque não poupa — diz-lhe o senhor Deasy, apontando-lhe o dedo. — Ainda não sabe o que é dinheiro. Dinheiro é poder, quando tiver vivido como já vivi. Mas sei, sei bem. *Se a mocidade ao menos soubesse. Que é que diz Shakespeare? Põe apenas dinheiro em tua bolsa.*

— Iago — murmurou Stephen.

Levantou o olhar das vazias conchas para a mirada do velho.

— Ele sabia o que é dinheiro — dizia o senhor Deasy. — Juntou dinheiro. Poeta mas inglês também. Sabe qual é o título de orgulho do inglês? Sabe qual é a frase mais altiva que jamais ouvirá da boca de um inglês?

O senhor dos mares. Seus marifrígidos olhos fitavam por sobre a baía vazia: à História cabe a culpa: por sobre mim e por sobre minhas palavras, inabominantes.

— Que sobre o seu império — disse Stephen — o sol jamais declina.

— Qual! — exclamou o senhor Deasy. — Isso não é inglês. Um celta francês o disse.

Estalou contra o cofrezinho a unha do polegar.

— Vou contar-lhe — disse ele solenemente — qual é o seu mais altivo brasão de orgulho. *Paguei meu preço.*

Homem às direitas, homem às direitas.

— *Paguei meu preço. Jamais tomei emprestado em minha vida um xelim.* Pode compreender isso? *Não devo nada.* Pode?

Mulligan, nove libras, três pares de meias, um par de borzeguins, gravatas. Curran, dez guinéus. McCann, um guinéu. Fred Ryan, dois xelins. Temple, dois almoços. Russell, um guinéu, Cousins, dez xelins, Bob Reynolds, meio guinéu, Kohler, três guinéus, a senhora McKernan, cinco semanas de pensão. O naco que tenho é inútil.

— Por agora, não — respondeu Stephen.

O senhor Deasy ria com rico deleite, guardando o cofre.

— Eu sabia que não podia — dizia ele jovialmente. — Mas um dia precisa compreender. Somos um povo generoso mas devemos também ser justos.

— Tenho medo dessas grandes palavras — disse Stephen — que nos fazem tão infelizes.

O senhor Deasy fixou os olhos gravemente, por momentos, por sobre o consolo da lareira, na corpulência bem torneada de um homem de saio escocês: Albert Edward, príncipe de Gales.

— O senhor julga-me um velho caturra e velho tóri — dizia sua voz pensativa. — Já vivi três gerações desde a do tempo de O'Connell. Lembrome da epidemia de fome. Sabe que as lógias de orangistas agitaram pela repulsa da união vinte anos antes que O'Connell o fizesse ou antes que os prelados de sua comunhão o denunciassem como demagogo? Os senhores, os fenianos, os senhores se esquecem de certas coisas.

Gloriosa, piedosa e imortal memória. A lógica de Diamond em Armagh, a esplêndida engalanada de cadáveres papistas. Rouca, mascarada e armada, a convenção dos fazendeiros. O Norte sinistro e a verdadeira bíblia puritana. Cocos rapados, dobrai-vos ao chão.

Stephen esboçou um breve gesto.

— Tenho em mim sangue rebelde também — disse o senhor Deasy. — Do lado da roca. Mas descendo de sir John Blackwood, que votou pela união. Somos todos irlandeses, todos filhos de reis.

— Ah! — disse Stephen.

— *Per vias rectas* — disse o senhor Deasy firmemente — era a sua divisa. Votou por ela, e calçou suas botas de cano alto a cavalgar rumo a Dublin desde Ards of Down para fazê-lo.

*Trota, trota, trota, rocim,
A pedrenta estrada a Dublin.*

Um grosso escudeiro a cavalo com reluzentes botas de cano alto. Belos tempos, sir John. Belos tempos, sua senhoria... Tempos... Tempos... Duas botas de cano alto desemperraram-se penduradas rumo a Dublin. Trota, trota, trota, trotão.

— Isso me faz lembrar — disse o senhor Deasy. — O senhor pode prestar-me um favor, senhor Dedalus, por meio de algum dos seus amigos literatos. Tenho comigo uma carta para os jornais. Sente-se um pouco. Falta-me apenas copiar o fecho.

Foi para a escrivainha junto à janela, ajeitou-se na cadeira duas vezes e releu algumas palavras da folha no tambor da máquina de escrever.

— Sente-se. Desculpe-me — disse-lhe por sobre o ombro — *os ditames do bom-senso*. Um só instante.

Fixou os olhos por sob as hirsutas sobrancelhas no manuscrito perto do seu cotovelo e, cochichando, começou a pontear as teclas perras do teclado lentamente, por vezes assoprando quando rodava para trás o tambor a fim de apagar um erro.

Stephen deixava-se ficar sentado silente ante a presença principesca. Emoldurados nas paredes à volta retratos de cavalos esvanecidos postados em menagem, cabeça dócil levantada: o *Repulse* de lorde Hasting, o *Shotover* do duque de Westminster, o *Ceilão* do duque de Beaufort, *prix de Paris*, 1866. Cavaleiros nanicos os montavam, atentos a um sinal. Viulhes a velocidade, defendendo as cores do rei, e bradou com os brados das multidões esvanecidas.

— Ponto final — ordenou às teclas o senhor Deasy. — Mas pronta discussão desta importante questão...

Aonde Cranly me levava para enriquecer rápido, caçando seus ganhadores entre os freios enlameados, em meio aos pregões dos corretores de apostas nas suas barracas e o bafo da cantina, por sobre o variegado lamaçal. Fair Rebel pagando igual: dez para um, o resto do lote. Apostadores de dados e trapaceiros corriamos em pós dos cascos, dos bonés e jaquetas concorrentes, e deixávamos atrás a cara carnuda de uma dona, mulher de açougueiro, a esfocinhar sedenta na sua malga de laranja.

Brados soaram estridentes do campo de jogo dos garotos e um assobio zumbidor.

De novo: um gol. Estou entre eles, entre seus corpos combatentes em confusão, a justa da vida. Quer referir-se àquele zambo filhinho de mamãe, que parece ter um nadinha de papeira? Justas. O tempo abalado ressalta, abalo após abalo. Justas, lamaçal e algara de batalhas, o enregelado mortivômito dos degolados, um berro de aguilhões alanceados fartados nas vísceras sanguinolentas de homens.

— Aí está — disse o senhor Deasy, levantando-se.

Aproximou-se da mesa, alfinetando juntas as folhas. Stephen pôs-se de pé.

— Reduzi a questão a uma sùmula — disse o senhor Deasy. — É sobre a febre aftosa. Dê-lhe uma olhadela. Não pode haver duas opiniões sobre a questão.

Possa eu invadir seu espaço valioso. Essa doutrina do *laissez-faire* que tão frequentemente em nossa história. Nosso comércio de gado. As pegadas

de todas as nossas velhas indústrias. O círculo de Liverpool que sabotou o projeto do porto de Galway. Conflagração europeia. Suprimento de cereais através das estreitas águas do canal. A imperturbabilidade pluterperfeita do Departamento de Agricultura. Perdoadas duas alusões clássicas. Cassandra. Por uma mulher que não era nem melhor nem pior do que deveria ser. Para entrar no assunto.

— Não uso de rodeios, uso? — perguntava o senhor Deasy no que Stephen lia.

Febre aftosa. Conhecida como preparação de Koch. Soro e vírus. Percentagens de cavalos imunizados. Peste bovina. Cavalos do imperador em Mürzster, Baixa Áustria. Cirurgiões-veterinários. O senhor Henry Blackwood Price. Oferta cortês de um experimento isento. Ditames do bom-senso. Questão de suma importância. Em todos os sentidos da palavra pegue-se o touro pelos chifres. Agradecendo a hospitalidade de suas colunas.

— Gostaria de ver isso impresso e lido — disse o senhor Deasy. — O senhor verá ao próximo surto que porão embargo no gado irlandês. Mas ele pode ser curado. É curável. Meu primo, Blackwood Price, escreve-me que é ordinariamente tratado e curado na Áustria pelos doutores de gado de lá. Oferecem-se para virem aqui. Estou tentando criar influência no Departamento. Agora, tento a publicidade. Estou cercado de dificuldades, de... intrigas, de... influências de bastidores, de...

Levantou o indicador e escandiu o ar com gesto de velho antes que sua voz falasse.

— Guarde minhas palavras, senhor Dedalus — disse. — A Inglaterra está nas mãos dos judeus. Nos mais altos postos: nas finanças, na imprensa. E são o sinal da decadência de uma nação. Tenho visto sua aproximação nestes anos. Tão certo quanto estamos aqui os mercadores judeus já estão em seu trabalho de destruição. A velha Inglaterra está morrendo.

Deu umas passadas rápidas, seus olhos retomando vitalidade azul no que cruzavam um amplo raio de sol. Deu meia-volta e retornou.

— Morrendo — disse —, se já não morta.

*Das ruas o refrão das rameiras enterra
Em sua vil mortalha esta velha Inglaterra.*

Seus olhos escancarados em visão enfrentavam severos o raio de sol sob o qual parara.

— Mercador — disse Stephen — é quem compra barato e vende caro, seja judeu ou cristão, não é?

— Eles pecaram contra a luz — disse gravemente o senhor Deasy. — E o senhor pode ver a escuridão nos seus olhos. E é por isso que eles são errantes sobre a terra até os dias de hoje.

Nos degraus da bolsa de valores de Paris homens auribrunidos leiloando cotações com seus dedos anelados. Grasnidos de gansos. Formigavam bulhentos, alheios ao templo, as cabeças conspirateando sob canhestras cartolas. Não deles: essas roupas, essa língua, esses gestos. Seus lerdos olhos plenos fementiam as palavras, seus ávidos gestos inofensivos, mas sabiam dos rancores acumulados ao seu redor e sabiam da vacuidade de seu ardor. Vã paciência no empilhar e entesourar. O tempo seguramente dispersaria tudo. Tesouro acumulado à margem do caminho: pilhado e pisoteado. Seus olhos sabiam dos anos vagabundos e, pacientes, sabiam das desonras de sua carne.

— E quem não pecou? — perguntou Stephen.

— Que é que o senhor quer dizer? — ripostou o senhor Deasy.

Avançou de um passo e parou perto da mesa. Seu queixo inferior pendia lateral aberto de incerteza. É isso a velha sabedoria? Espera ouvir-me.

— A história — disse Stephen — é um pesadelo de que tento despertar-me.

Do campo de jogo os garotos levantavam um brado. Um assobio zunindo: gol. Que então se esse pesadelo lhe desse um pontapé por trás?

— Os caminhos do Criador não são os nossos — disse o senhor Deasy.

— Toda a História se move em direção a um grande alvo, a manifestação de Deus.

Stephen ejectou o polegar em direção da janela, dizendo:

— Deus é isso.

Hurra! Eia! Hurrhurra!

— O quê? — perguntou o senhor Deasy.

— Um grito na rua — respondeu Stephen, dando de ombros.

O senhor Deasy olhou para baixo e reteve por instantes as abas das narinas pinçadas entre os dedos. Reerguendo a cabeça, deixou-as livres.

— Sou mais feliz do que o senhor — disse. — Cometemos muitos erros e muitos pecados. Uma mulher trouxe o pecado para o mundo. Por uma mulher que não era nem melhor nem pior do que deveria ser, Helena, a esposa fujona de Menelau, os gregos guerrearam em Troia por dez anos. Uma esposa infiel foi a primeira a trazer estrangeiros a nossas plagas, a mulher de MacMurrough e de seu concubino O'Rourke, príncipe de Breffni. Também

uma mulher provocou a queda de Parnell. Muitos erros, muitos malogros, mas não o pecado. Agora, ao fim dos meus dias, continuo lutador. Mas combatarei pelo direito até o fim.

*Porque Ulster lutará:
Seu direito vingará.*

Stephen soergueu entre mãos as folhas.

— Bem, senhor... — começou.

— Prevejo — disse o senhor Deasy — que o senhor não reterá por muito tempo este lugar. O senhor não foi feito para ser professor, acredito. Talvez eu esteja errado.

— Para ser aprendiz, de preferência — disse Stephen.

E aqui que mais aprenderá?

O senhor Deasy abanou a cabeça.

— Quem sabe? — disse. — Para aprender é preciso ser humilde. Mas a vida é a grande mestra.

Stephen farfalhou as folhas de novo.

— Quanto a isto... — começou.

— Sim — disse o senhor Deasy. — Há duas cópias aí. Se o senhor conseguir a publicação delas o quanto antes.

Telegraph. Irish Homestead.

— Tentarei — disse Stephen — e avisarei o senhor amanhã. Conheço de leve dois directores.

— Isso é o bastante — disse o senhor Deasy vivamente. — Escrevi ontem à noite ao senhor Field, o deputado. Há uma reunião hoje do Sindicato dos Negociantes de Gado no Hotel City Arms. Pedi-lhe que apresentasse minha carta na reunião. Veja se consegue pô-la nos seus dois jornais. Quais são eles?

— *The Evening Telegraph...*

— É bastante — disse o senhor Deasy. — Não há tempo a perder. Agora tenho de responder à carta de meu primo.

— Bom-dia, então — disse Stephen, pondo as folhas no bolso. — Obrigado.

— Não há de quê — dizia o senhor Deasy, enquanto rebuscava nos papéis por sobre sua escrivania. — Gosto de terçar armas com o senhor, embora já velho.

— Bom-dia, meu senhor — disse de novo Stephen, inclinando-se às espáduas recurvadas do outro.

Saía pelo pórtico aberto e através da aleia saibrosa sob as árvores, ouvindo gritos de vozes e estalidos de bastões no campo de jogo. Os leões agachados por cima dos pilares, no que atravessava o portão: terrores desdentados. Embora, ajudá-lo-ei na sua luta. Mulligan me apelidará com novo nome: bardo bovinamente.

— Senhor Dedalus!

Correndo atrás de mim. Basta de cartas, espero.

— Um instantinho só.

— Sim, senhor — disse Stephen, voltando-se ao portão.

O senhor Deasy estacou, resfolegando forte e engolindo o alento.

— Queria apenas acrescentar uma coisa — disse. — A Irlanda, diz-se por aí, tem a honra de ser o único país que jamais perseguiu os judeus. Sabia? Não. E sabe por quê?

Pregueava duramente o cenho à luz brilhante.

— Por quê, senhor? — perguntou Stephen, principiando a sorrir.

— Porque nunca os deixou entrar — disse o senhor Deasy solenemente.

Uma expectoração de riso saltou-lhe da garganta arrastando consigo uma cadeia matracolejante de catarro. Revirou-se rápido, tossindo, gargalhando, os braços levantados ondeando ao ar.

— Não os deixou nunca entrar — clamava de novo por entre o gargarhar no que esmagava com os pés borzeguinados o saibro da aleia. — Eis aí a razão.

Por sobre seus sábios ombros através da marchetaria das folhas o sol arremessava lantejoulas, dançarinas moedas.

Inelutável modalidade do visível: pelo menos isso, se não mais, pensando através dos meus olhos. Assinaturas de todas as coisas estou aqui para ler, marissêmen e maribodelha, a maré montante, estas botinas carcomidas. Verdemuco, azulargênteo, carcoma: signos coloridos. Limites do diáfano. Mas ele acrescenta: nos corpos. Então ele se compenetrava deles corpos antes deles coloridos. Como? Batendo com sua cachola contra eles, com os diabos. Devagar. Calvo ele era e milionário, *maestro di color che sanno*. Limite do diáfano em. Por que em? Diáfano, adiáfano. Se se pode pôr os cinco dedos através, é porque é uma grade, se não uma porta. Fecha os olhos e vê.

Stephen fechou os olhos para ouvir as botinas triturar bodelha e conchas tagarelas. Estás andando por sobre isso algoqualcerto. Estou, uma pernada por vez. Um muito curto espaço de tempo através de muito curtos tempos de espaço. Cinco, seis: o *nacheinander*. Exactamente: e isso é a inelutável modalidade do invisível. Abre os olhos. Não. Jesus! Se eu cair de uma escarpa que se salta das suas bases, caio através do *nebeneinander* inelutavelmente. Até que estou deslocando-me bem neste escuro. Minha espada de freixo pende a meu lado. Tacteia com ela: é assim que se faz. Meus dois pés nas botinas dele estão no final de suas pernas dele, *nebeneinander*. Soa maciço: feito pelo malho de *Los Demiurgos*. Estou eu andando para a eternidade ao longo do areal de Sandymount? Tritura, tagarela, trila, trila. Dinheiro do mar selvagem. Dômine Deasy sabe tudinho.

*Não virás a Sandymount,
Madeline égua?*

O ritmo começa, vês? Ouço. Um tetrâmetro catelético de iambos marchando. Não, agalope: *deline égua*.

Abre os olhos agora. Fá-lo-ei. Um instante. Esvaneceu tudo já? Se eu os abro e fico para sempre no adiafano negro. *Basta!* Verei se posso ver.

Vê agora. Aí todo o tempo sem ti: e sempre o será, mundo sem fim.

Elas venceram para baixo os degraus do terraço de Leahy prudentemente, *Frauenzimmer*: e para baixo pela costa em declive frouxamente seus pés expansos soçobravam no saibro sedimentado. Como eu, como Algy, descendo à nossa mãe poderosa. A número um balançava pesadonamente sua bolsa de parteira, o para-sol da outra fincava-se na praia. Do Liberties, de folga no dia. A senhora Florence MacCabe, sobrevivente do falecido Patk MacCabe, fundamente pranteado, de Bride Street. Uma de sua irmandade me puxou guinchando para a vida. Criação do nada. Que tem ela na bolsa? Um aborto com um pendente umbilicordão, envolto em gaze vermelhiça. Os cordões de todos se encadeiam para trás, trama trançado cabo de toda carne. Eis por que místicos monges. Sereis tais quais deuses? Contemplai vossos ônfalos. Alô. Aqui Kinch. Ligue-me com Edenville. Álef, alfa: zero, zero, um.

Esposa e companheira de Adão Kadmon: Heva, Eva nua. Ela não teve embigo. Contempla. Ventre sem jaça, bojando se ancho, broquel de velino reteso, não, alvicúmulo trítico, oriente e imortal, elevando-se de pereternidade em pereternidade. Matriz do pecado.

Matrizado em pecadora escuridade eu fui também, feito que não gerado. Por eles, o homem com minha voz e meus olhos e a mulherfantasma com cinzas em seu hálito. Eles se uniram e se dividiram, fizeram o querer do acoplador. De antes dos tempos Ele me quis e possa não querer-me longe agora ou jamais. Uma *lex eterna* paira junto a ele. É isso então a divina substância na qual Pai e Filho são consubstanciais? Onde está o caro pobreÁRIO para tirar conclusões? Guerreando a vida inteira quanto à contransmagnificandjudeibumbatancialidade. Heresiarca malzodiacado. Num lavatório grego deu o último suspiro: eutanásia. Com mitra de gemas e com báculo, refestelado no seu trono, viúvo de uma sé viúva, com omofóron empertigado, com traseiros coagulados.

Ares irrompiam à sua roda, agulhentos e ávidos ares. Elas estão vindo, as ondas. Os hipocampos alvimontados, mordendo luciventibridões, os corcéis de Mananaan.

Preciso não esquecer sua carta para os jornais. E depois? O Ship, doze e meia. A propósito, toma tento com esse dinheiro como um bom adolescente imbecil. Sim, preciso.

Seu passo afrouxou. Aqui. Vou ou não vou à tia Sara? A voz de meu pai consubstancial. Viste ultimamente algo de teu irmão artista Stephen? Não? É certo que ele não está no terraço de Strasburg com sua tia Sally? Não poderia ele voar um tiquinho mais alto, não? E e e diga-nos, Stephen, como vai tio Si? Oh, sangue de Deus, as coisas em que estou afundado. Os rapazes em cima no palheiro. O pequeno borra-tinta beberrão e seu irmão, o tocador de cornetim. Gondoleiros altamente respeitáveis. E esse vesgo de Walter sinsenhoreando o pai, nada mais, nada menos. Senhor. Sim, senhor. Não, senhor. Jesus chorou: pudera, por Cristo.

Puxo a campainha asmática do chalé de venezianas cerradas: e espero. Tomam-me por um cadáver, espiam por um ângulo sub-reptício.

— É Stephen, senhor.

— Deixe-o entrar. Deixem Stephen entrar.

Um ferrolho é puxado e Walter me dá acolhida.

— Pensamos que era outra pessoa.

Em sua ampla cama titio Richie, entre travesseiros e lençóis, estende por sobre os montículos de seus joelhos um sólido antebraço. Peito limpo. Lavou-se na metade superior.

— Dia, sobrinho.

Põe de lado a mesinha portátil em que levanta contas de custas para os olhos do advogado Goff e advogado Shapland Tandy, anotando acordos e citações de busca e um mandado de *Duces Tecum*. Uma moldura de carvalho fóssil sobre sua cabeça calva: o *Requiescat* de Wilde. O zumbido de seu assovio despistante traz de volta Walter.

— Sim, senhor?

— Malte para Richie e Stephen, peça à mãe. Onde está ela?

— Banhando Crissie, senhor.

A companheirinha de leite do papai. Torrãozinho de amor.

— Não, tio Richie.

— Chama-me Richie. Pros diabos com sua água de litina. Deprime. Uusque!

— Tio Richie, por favor...

— Sente-se ou, bofé, Harry, achato-o ao chão.

Walter pisca-pisca em vão por uma cadeira.

— Ele não tem onde se sentar, senhor.

— Ele não tem onde pôr-se, seu careteiro. Traz a nossa cadeira Chippendale. Está querendo um pedaço de uma boa coisa? Nada das suas bobageiras aqui; a suculência de uma fatia de toucinho defumado com arenque? Mesmo? Tanto melhor. Não temos em casa senão pílulas contra lumbago.

All'erta!

Ele zune compassos da *aria de sortita* de Ferrando. O momento mais generoso, Stephen, de toda ópera. Escute.

Seu assovio entoado soa de novo, finamente matizado, com haustos de ar, os punhos tambormorilando sobre seus joelhos enchumaçados.

Esta brisa é mais doce.

Casas de decadência, a minha, a sua e todas. Disseste às gentes de prol de Clongowes que tinhas tio juiz e tio general do exército. Abandona-os, Stephen. A beleza não está aí. Nem na baía estagnada da biblioteca de Marsh em que leste as profecias fanadas de Joaquim Abas. Para quem? Para a ralé de cem cabeças do recinto da catedral. Um odiador da sua espécie saiu dela para o bosque da loucura, sua juba espumando à lua, suas pupilas, estrelas. Huinhnhm, equiniventas. As caras cavaleares ovaladas. Temple, Buck Mulligan, Foxy Campbell. Queixadas queixudas. Abas pai, deão furioso, que ofensa ateou fogo nos seus miolos? Puf! *Descende, calve, ut ne nimium decalveris*. Uma guirlanda de cabelos grisalhos em sua cabeça anatema-

tizada, vejam-no-me para baixo grimpano até o supedâneo (*descende*), atezando a custódia, basiliscoculado. Abaixo, careca! Um coro resposta ameaça e eco, assistindo cerca dos cornos do altar, o latim resfolegado dos marmanjos movendo-se corpulentos em suas alvas, tonsurados e ungidos e castrados, gordos da gordura de rins de trigo.

E no mesmo instante talvez um sacerdote aí na esquina esteja elevando-o. Dlingdling! E duas ruas além outro colocando-o num cibório. Dlinguedling! E numa capela à Virgem outro tomando a hóstia toda nas próprias bochechas. Dlingdling! Para baixo, para cima, para a frente, para trás. Dan Occam pensou nisso, doutor invencível. Numa brumosa manhã inglesa o diabrete da hipóstase fez cócegas no seu miolo. No que baixava sua hóstia e se ajoelhava ouviu mesclar-se com sua segunda campainha a primeira campainha no transepto (ele está elevando a dele) e, levantando-se, ouviu (agora estou elevando) as duas campainhas (ele está ajoelhando-se) soar em ditongo.

Primo Stephen, não serás nunca um santo. Ilha de santos. Eras terrivelmente piedoso, não eras? Rezavas à Virgem Bendita para que não tivesses vermelho o nariz. Rezavas ao diabo na avenida Serpentine para que a viúva fornidinha na frente levantasse da rua molhada um pouco mais as saias. *O sí, certo!* Vende a alma, vende, por aquilo, retalhos tintos alfinetados ao redor de uma fêmea. Mais, dize-me, mais ainda! No segundo lance do ônibus de Howth, sozinho, gritando à chuva: *mulheres nuas!* Que tal isso, hem?

Que talo quê? Para que mais foram elas inventadas?

Lendo duas páginas de cada um de sete livros por noite, hem? Eu era jovem. Inclinas-te para ti mesmo ante o espelho, avançando um pouco para aplaudir-te compenetrado, cara séria. Hurra pelo danado idiota! Ah! Nem um viu: a nem um digas. Livros que irias escrever com letras por título. Leu o seu F? Oh, sim, mas prefiro o Q. Sim, mas o W é admirável. Oh, sim, o W. Lembras-te das tuas epifanias sobre folhas verdes ovais, profundamente profundas, exemplares por serem, se morresses, enviados a todas as grandes bibliotecas do mundo, inclusive a de Alexandria? Alguém haveria de ali lê-las uns milhares de anos depois, um mahamanvantara. Pico de la Mirandoloide. Sim, muito parecido a uma baleia. Quando alguém lê essas estranhas páginas de alguém há muito desaparecido, alguém sente que alguém está com quem que alguma vez...

O saibro granulado havia desaparecido de sob seus pés. Suas botinas esmagavam de novo um húmido bulbo crocante, longueirões, seixos chiantes, o que corrói os seixos inumeráveis, madeira crivada pelo teredem, Armada

perdida. Insalubres fofos de areia tocaiavam para sugar-lhe as solas caminhantes, exalando hálito de cloaca. Costeou-os andando cautelosamente. Uma garrafa de cerveja se alçava, enterrada até a cintura, na pastosa massa arenosa. Uma sentinela: ilha de sede terrível. Arcos partidos à beira-mar; em terra uma confusão de escuras redes astutas; mais além portas de fundos garatujadas a giz e no alto da praia uma corda de secar com duas camisas crucificadas. Ringsend: barracões de pilotos requemados e mestres marinhos. Conchas humanas.

Estacou. Passei do caminho para tia Sara. Não estou indo para lá? Parece não. Ninguém cerca. Voltou-se rumo nordeste e cruzou o areal mais firme em direção de Pigeonhouse.

— *Qui vous a mis dans cetre fichue position?*

— *C'est le pigeon, Joseph.*

Patrice, em casa em férias, relambia leite quente comigo no bar do McMahon. Filho do ganso selvagem, Kevin Egan de Paris. Meu pai é uma avizrara, ele relambia o doce *lait chaud* com a rosada língua jovem, cara rechonchuda de lebrinha. Relambe, *lapin*. Espera ganhar nos *gros lots*. Sobre a natureza das mulheres leu Michelet. Mas precisa mandar-me *La vie de Jésus* do senhor Léo Taxil. Emprestou-a a seu amigo.

— *C'est tordant, vous savez. Moi je suis socialiste. Je ne crois pas en l'existence de Dieu. Faut pas le dire à mon père.*

— *Il croit?*

— *Mon père, oui.*

Schluss. Ele relambe.

Meu chapéu do Quartier Latin. Por Deus, devemos simplesmente trajar a personagem. Quero luvas castanho-arroxeadas. Eras estudante, não eras? De quê, em nome do outro demônio? Peceene. P.C.N., tu sabes: *physiques, chimiques et naturelles*. Ah. Comendo a tua tigelada de *mou en civet*, caldeirada de carne do Egito, acotovelado com cocheiros arrota dores. Dize apenas no mais natural dos tons: quando eu estava em Paris, *boul' Mich'*, costumava. Sim, costumavas levar os bilhetes perfurados para provar teu álibi, se te detivessem pelo assassinio de alguém. Justiça. Na noite de dezessete de fevereiro de 1904 o preso foi visto por duas testemunhas. Outro sujeito o fez: outro eu. Chapéu, gravata, sobretudo, nariz. *Lui, c'est moi*. Parece que te divertiste.

Andando orgulhosamente. Como quem querias tentar andar? Esquece: um sem-vintém. Com a ordem de pagamento de tua mãe, oito xelins, a porta

batente do correio batida em tua cara pelo porteiro. Dor de dente de fome. *Encore deux minutes*. Vê relógio. Preciso de. *Fermé*. Cachorro de assalariado! Esbolachá-lo em bolas de sangue com um tiro bum, bolas homem salpicadas paredes tudo bronze botões. Bolas tudo crricrrria cricrila de volta ao lugar. Não machucado? Oh, tudo está bem. Aperta as mãos. Vê o que eu dizia, vê? Oh, tudo está bem. Aperta um aperto. Oh, tudo está tudo muito bem.

Ias realizar maravilhas, né? Missionário à Europa após o fogoso Columbano. Nos seus escabelos perros, Fiacre e Scotus entornados nos céus de seus canecos quartilhos, garlatingalhando: *Euge! Euge!* Fingindo falar inglês macarrônico no que arrastavas tua maleta, carregador três pences, ao longo do píer visguento em Newhaven. *Comment?* Rico botim trouxeste de volta; *Le Tutu*, cinco números esfarrapados de *Pantalon Blanc et Culotte Rouge*, um telegrama francês azul-banzo, curiosidade para exhibir:

— Mãe morrendo volta pai.

A tia pensa que mataste a tua mãe. Eis a razão por que ela não quer.

*Pois à saúde da tia de Mulligan!
E a deste brinde razão lhes ditei:
Ela resguarda a decência sempre em
Dos Hannigans a familiaei.*

Seus pés marchavam em súbito ritmo ufano sobre os sulcos arenosos, ao longo dos matacões da amurada sul. Fixou-lhes os olhos ufanamente, cabeçorras de pétreos mamutes empilhadas. Luz dourada sobre o mar, sobre o areal, sobre a amurada. O sol ali está, as árvores esguias, as casas limão.

Paris despertando nuamente, crua luz solar sobre suas ruas limão. Polpa húmida de padas de pão, o absíntio verde-rã, seu incenso matinal acariciam o ar. Belluomo levanta-se do leito da mulher do amante da sua mulher, a dona de casa lenço na cabeça zanza em azáfama, um pires de ácido acético nas mãos. No Rodot, Yvonne e Madeleine renovam suas trôpegas belezas, crocando com dentes de ouro *chaussons* de pastelaria, as bocas amareladas com o *pus de flan breton*. Caras de homens-Páris passam perto, seus requestadores requestados delas, frisados conquistadores.

O meio-dia modorra. Kevin Egan enrola charutos de pólvora de canhão entre os dedos manchados de tinta de impressão, sorvendo sua fada verde como Patrice a sua branca. Em torno a nós glutões engarfam favas condimentadas pela goela abaixo. *Un demi setier!* Um jacto de café vaporeja da

caldeira brunida. Ela serve-me à ordem do gesto jacto dele. *Il est irlandais. Hollandais? Non fromage. Deux irlandais, nous, Irlande, vous savez? Ah oui!* Ela pensava que querias um queijo *hollandais*. Seu postprândio, conheces esta palavra? Postprândio. Havia um sujeito que conheci uma vez em Barcelona, um tipo gozado, que costumava chamar a isso postprândio. Bem: *slainte!* Ao redor das mesas lajeadas a mixórdia de hálitos vinhosos e gargantas gorgulhantes. Seu bafo pende sobre nossos pratos com restos de molho, o colmilho da verde fada espetando entre seus dentes. Da Irlanda, os dalcassianos, de esperanças, conspirações, de Arthur Griffith agora. Para jungir-me como seu cojugulado, nossos crimes nossa causa comum. És filho do teu pai. Reconheço a voz. Sua camisa de fustão, sanguiniflorida, treme as borlas espanholas a seus segredos. Monsieur Drumont, jornalista famoso, Drumont, sabes como ele chamou a rainha Vitória? Velha ogra de dentes amarelos. *Vieille ogresse de dents jaunes*. Maud Gonne, esplêndida mulher, *La Patrie*, monsieur Millevoye, Félix Faure, sabes como morreu? Homens licenciosos. *A froeken, bonne à tout faire*, que esfrega a nudez masculina no banho em Upsália. *Moi faire*, disse ela. *Tous les messieurs*. Não este *monsieur*, disse eu. Costume licenciosíssimo. Banho coisa muito privada. Não deixaria meu irmão, nem mesmo meu próprio irmão, coisa licenciosíssima. Olhos verdes, eu vos vejo. Colmilho, sinto-o. Gente lasciva.

A mecha azul-triste queima-se agonicamente entre as mãos e queima-se clara. Fibras avulsas de tabaco pegam fogo: chama e fumaça acre clareiam nosso canto. Crua carossuda sob a tocaia do chapéu de vigia do dia. Como o cabeça do centro escapou, versão autêntica. Paramentado de jovem noiva, homem, véu botões de laranjeira, rodou pela estrada de Malahide. Fê-lo, de facto. De chefes perdidos, os traídos, fugas fantásticas. Disfarces, agarrados, escapados, não aqui.

Amante desdenhado. Eu era um rapagão e tanto naquele tempo, asseguro-lhe, vou mostrar-lhe minha semblança um destes dias. Era, de verdade. Amante, pelo amor dela rondou com o coronel Richard Burke, maioral de seu clã, sob as muralhas de Clerkenwell e, agachados, viram uma chama de vingança projetá-los ao ar na bruma. Vidros estilhaçados e alvenaria derruída. No alegre Parri ele se esconde, Egan de Paris, não buscado por ninguém senão por mim. Fazendo suas estadas de dia, a lúgubre caixa de tipos, suas três tavernas, a toca de Montmartre em que dorme sua noite curta, rua de la Goutte-d'Or, adamascada com mosquicocozadas caras dos defuntos. Desamorado, despatriado, desesposado. Ela está muito comodinha

sem seu proscrito, madame, na rua Gît-le-Coeur, canário e dois pensionistas janotas. Bochechas apessegadas, uma saia zeburada, risonha como uma lambisgoia. Desdenhado e indesejável. Dize a Pat que me viste, sim? Quis certa feita conseguir para o Pat um trabalho. *Mon fils*, soldado da França. Ensinei-o a cantar. *Os rapazes de Kilkenny são ruidosos espadachins intrépidos*. Conheces este velho lais? Ensinei-o a Patrice. Velho Kilkenny: são Canício, o castelo de Strongbow sobre o Nore. É assim. Ô, ô. Ele me toma, Napper Tandy, pela mão.

Ô, ô, *os rapazes de
Kilkenny...*

Fraca mão gasta sobre a minha. Esqueceram-se de Kevin Egan, não ele deles. Recordando-te, ó Sion.

Ele se havia achegado para mais perto da borda do mar e a areia molhada chapoletava suas botinas. O ar renovado saudava-o, harpejando seus nervos bravios, vento do ar bravio de sêmen de revérbero. Olha, estou andando rumo do barco-farol de Kish, não estou? Parou súbito, seus pés começando a afundar lentamente no solo trépido. Volta.

Voltando, esquadrinhava a costa sul, seus pés de novo afundando lentamente em novos alvéolos. A fria sala abobadada da torre espera. Através das barbacãs os fochos de luz estão se movendo sempre, lentamente sempre como os meus pés estão afundando, arrastando-se rumo do lusco-fusco sobre o solário do chão. Lusco-fusco azul, poente, noite azul-profunda. Na escuridão da abóbada eles esperam, suas cadeiras afastadas, minha maleta obelisco, em redor de uma mesa com travessas abandonadas. Quem para limpá-lo? Ele tem a chave. Não dormirei aí quando a noite chegar. Uma porta fechada de uma torre silente sepultando seus corpos emparedados, o saíbe da pantera e seu cão de presa. Chama: nem resposta. Livrara os pés do atoladouro e voltava cerca da mole de matações. Tomem tudo, retenham tudo. Minha alma caminha comigo, forma das formas. Assim aos meios quartos da lua palmilho o trilho acima das rochas, em areia prateada, ouvindo a maré aliciante de Elsinore.

A maré me segue. Posso observá-la que flui acima daqui. Marcha para trás, pois, pela estrada de Poolbeg para a margem de lá. Galgou por sobre o encipoadado e coleante ervaçal e sentou-se num mocho de rocha, repousando seu estoque de freixo numa fenda.

Uma carcaça inchada de cão jazia reclinada sobre bodelha. Diante dele a postura de um bote, soçobrado no saibro. *Un coche ensablé*, Louis Veuillot chamou à prosa de Gautier. Estas pesadas areias são linguagem que maré e vento inscreveram aqui. E lá, os montículos de pedras de construtores mortos, cortiços de fuinhas. Esconde ouro lá. Tenta-o. Tens algum. Areias e pedras. Prenhes de passado. Brinquedos do Senhor Bicho-Papão. Cuidado para não receberes um bofetão na cara. Sou o danado do gigantão que rola os danados dos pedregulhões, ossos para os passos das minhas passadas. Fiufeofium. Eu xinto o xeilo do xangue num iulandeixe.

Um ponto, cão vivente, crescia à vista correndo pelo escampo do areal. Meu Deus, irá ele atacar-me? Respeita a sua liberdade. Não serás nem senhor dos outros nem seu escravo. Tenho meu porrete. Fica imóvel. De muito mais longe, andando para a borda do mar ao longo da margem cristada, silhuetas, duas. As duas marias. Esconderam-no em meio aos juncos. Tu taí. Te vi. Não, o cão. Está correndo para trás para elas. Quem?

Galeras dos lochlanns aproavam à praia aqui, à cata de presa, suas sanguibicancudas proas singrando a rasa toalha de peltre fundido. Daniví-kingues, enfiada dos cutelos das franciscas cintilando-lhes ao peito quando Malaquias usava do colar de ouro. Uma teona de baleias camurças encailhada no meio-dia candente, esguichando, espadanando nos baixios. Então da famélica cidade empaliçada uma horda de anões engibonados, minha gente, com facões de esfoladores, correndo, escalando, espostando a verde grassicarne de baleia. Epidemia de fome, peste e matanças. O sangue deles é o meu, sua concupiscência as minhas ondas. Eu me mexia entre eles sobre o Liffey gelado, esse eu, um enjeitado, por entre os crepitantes fogos resinosos. Não falava a nem um: ninguém a mim.

O latido do cão corria para ele, parava, recuava. Cão de meu inimigo. Estaquei simplesmente pálido, mudo, acuado. *Terribilia meditans*. Uma bicampânula prímula, o valete da sorte, sorria do meu medo. Em pós disso é que anelas, o ladrido do aplauso deles? Pretendentes: vive a vida deles. O irmão de Bruce, Thomas Fitzgerald, cavalheiro acetinado, Perkin Warbeck, rebento bastardo de York, em culotes de seda marfim rosicler, maravilha de um dia, e Lambert Simnel, com um séquito de mucamas e vivandeiras, um lava pratos coroadado. Todos filhos de reis. Paraíso de pretendentes então e agora. Ele salvou homens do afogamento e tu tremes aos ladridos de um vira-lata. Mas os cortesãos que ridiculizavam Guido em Or san Michele estavam em sua própria casa. Casa de... Nada queremos de tuas abstrusio-

sidades medievais. Farias tu o que ele fez? Um bote haveria de estar perto, um salva-vidas. *Natürlich*, posto aí para ti. Farias ou não farias? O homem que se afogara nove dias antes ao largo da pedra da Virgem. Esperam por ele agora. A verdade, cospe-a fora. Eu o queria. Eu tentaria. Não sou um bom nadador. Água fria fofa. Quando eu metia a cara nela na bacia de Clongowes. Posso ver não! Quem está atrás de mim? Fora, rápido, rápido. Vês a maré enchendo de todos os lados rápido, laminando rápido os bancos de areia castanha-decauclorida? Se eu tivesse terra debaixo de meus pés. Quero seja sua vida ainda sua, a minha seja minha. Um homem afogado. Seus olhos humanos berram para mim no horror de sua morte. Eu... Com ele juntos no fundo... Eu não podia salvá-la. Águas: morte amarga: perdida.

Uma mulher e um homem. Vejo a saiota dela. Arregaçada, aposto.

O cão deles esquipava por um mingunte banco de areia, trotando, fungando por todos os lados. Procurando algo perdido em vida passada. De repente soltou-se como uma lebre-saltadora, orelhas corridas para trás, perseguindo a sombra de uma gaivota em rasante. O agudo assobio do homem feriu-lhe as orelhas móveis. Voltou-se, em retorno aos saltos, veio mais para perto, trotou a passitos miudinhos. No campo citrino um gamo, trépido, íntegro, desganhado. À fimbrirenda da água estacou, os cascos dianteiros retesados, orelhas maridirigidas. Ventas alçadas ladrava ao marulho das vagas, manada de morsas. Elas serpenteavam rumo de suas patas, encachoando-se, desdobrando muitas cristas, cada nona, rebentando, esparrinhando, de longe, de mais longe, ondas e ondas.

Cocleicoletores. Vadearam um curto vau de água e, vergando-se, mergulharam suas cestas, e, levantando-as de novo, revadearam. O cão ladria-lhes correndo em pós, salteava e os pateava, caindo de quatro, de novo salteava para eles com mudas ternuras ursinas. Não correspondido manteve-se cerca deles no que se encaminhavam para a areia mais seca, um naco de língua de lobo rubrifolegando de suas fauces. Seu corpo pintalgado esquipava à frente deles e então alargou-se num galope de bezerro. A carcaça jazia em seu caminho. Parou, farejou, deu-lhe a volta, um irmão, fungando mais perto, desdeu-lhe a volta, fungando repetidamente como cão por todo o pelame encharcado do cão morto. Canicrânio, canifaro, olhos ao chão, move-se para um grande alvo. Ah, pobre canicorpo. Aqui jaz o corpo de um pobre canicorpo.

— Trapeiro! Fora daí, seu vira-lata.

O grito levou-o molengando de volta ao seu dono e um seco pontapé descalço enviou-o indene através de uma língua de areia, encolhido no voo. Esgueirou-se de volta com rodeios. Não me vê. Ao longo da borda da mole ele lentigalopava, zanzava, cheirava uma pedra e de por debaixo de uma pata traseira tesa mijou contra ela. Trotou adiante e, levantando a perna traseira, mijou rápido curto numa rocha incheirada. Os prazeres simples de pobre. Suas patas traseiras levantaram então areia: então suas patas dianteiras raspam e cavaram. Algo ele enterrara aí, sua avó. Refungou na areia, raspando, cavando e parou a escutar o vento, levantou areia de novo com a fúria de suas garras, logo cessando, um leopardo, uma pantera, gerado num adultério, corvejando o morto.

Depois que ele me acordou na noite anterior, o mesmo sonho era ou era isso? Espera. Um pórtico aberto. Rua de rameiras. Lembra. Harum al-Raxid. Estou quasequaseando-o. Aquele homem conduzia-me, falava. Eu não tinha medo. O melão que levava ele aproximou-o de minha cara. Sorriu: cheiro de fruta suculenta. Era a regra, disse. Para dentro. Vem. Tapete vermelho estendido. Verás quem.

Arcando às sacas eles se arrastavam, os egiptanos vermelhos. Os pés dele azulados fora das calças arregaçadas chapinhavam-se na areia pegajosa, lenço tijolo brique baço envolvendo o pescoço não barbeado. Com passos de mulher ela seguia: o rufião e a andarilha fêmea comum. Espólios pendiam às costas dela. Areia solta e raspa de conchas incrustavam-se-lhe aos pés nus. Por sobre a cara dela desfeita pelo vento lhe caíam os cabelos. Atrás de seu dono a comparsa, indo, para a cidade grande. Quando a noite esconde as máculas do corpo dela chamando debaixo do xaile pardo sob uma arcada que cães tinham chafurdado. O homem-leno dela está engabelando dois soldados do Royal Dublins no O'Loughlin de Blackpitts. Beijoca-a, fode com sabida lenga de esbórnia, oh, minha bela putinha fodedora. Uma brancura endemoninhada sob seus andrajos rançosos. O beco de Fumbally aquela noite: os cheiros do curtume.

*Branças mãos, rubra tua boca
E teu corpo é gostosura
Bebe comigo na cama
Beija, toma, é noite escura.*

Morosa deleitação, chama-lhe o ventruado Aquino, *frate porcospino*. Antes da queda Adão trepava mas não gozava. Deixá-lo chamar: *teu corpo é gostosura*. Linguagem nem um tiquinho pior do que a dele. Palavras de monge, contas de rosário parlapateiam em suas panças: palavras de esbórnica, duras pepitas tamborilam em seus bolsos.

Passando agora.

Um olhar de esguelha na minha coifa de Hamlet. Se eu ficasse de súbito aqui nu, no que estou. Não estou. Pelas areias do mundo todo, seguida pela espada flamejante do sol, para o oeste, migrando para terras vesperais. Ela arrastra, schleppéia, treneja, dragueja, trascinava sua carga. Uma maré occidente, luninflada, em sua esteira. Marés, miriadinsuladas, dentro dela, sangue não meu, *oinopa ponton*, mar viniscuro. Eis a serva da lua. No sono o signo líquido lhe diz sua hora, ordena-lhe o despertar. Nuptileito, nataleito, leito mortal, espectriciriado. *Omnis caro ad te veniet*. Ele chega, pálido vampiro, por borrascas seus olhos, seu velame morcegueiro ensanguentando o mar, boca contra o beijo de sua, dela, boca.

Olha. Põe um alfinete naquela bainha, sim? Minhas tabletes. Boca contra o beijo dela. Não. Devem ser duas elas. Cola elas bem. Boca contra o beijo de sua, dela, boca.

Seus lábios sugavam e abocanhavam descarnados lábios de vento: boca contra o ventre dela. Umba, omniventrança tumba. Sua boca amoldava-se exalando alento, inefado: uuiihah: rugido de planetas cataráticos, globoides, labaredantes, rugindo juralonjuralonjurajura. Papel. As cédulas, atira-as ao ar. Carta do velho Deasy. Aqui. Agradecendo-lhe pela hospitalidade arranque o pedaço final em branco. Dando as costas ao sol ele inclinou-se a um pano de rocha e escreveu palavras. Pela segunda vez esqueci-me de apanhar papeletas do balcão da biblioteca.

Sua sombra estendia-se por sobre as rochas no que se inclinava, termina. Por que não intérmina até a mais remota estrela? Escuras elas lá estão por detrás dessa luz, escuridade luzindo na claridade, delta de Cassiopeia, mundos. Eu assenta-se lá com bastão de freixo de águia, de sandálias emprestadas, durante o dia cerca de um mar lívido, ignoto, em noite violeta andando por sob um reino de astros incultos. Arrojo esta sombra termina de mim, hominiforma inelutável, chamo-a de volta. Intérmina, seria ela minha, forma de minha forma? Quem me percebe aqui? Quem em lugar algum jamais lerá estas escritas palavras? Signos em campo branco. Em algum lugar a alguém na tua voz mais maviosa. O bom do bispo de Cloyne retirou o véu

do tempo de seu chapéu de abas: véu no espaço com emblemas coloridos hachurados no seu campo. Assegura-te bem. Coloridos sobre um chão: sim, é bem isso. Chão vejo, pensa então em distância, perto, longe, chão vejo, este, atrás. Ah, vê agora. Cai para trás de repente, imobilizado num estereoscópio. Clique faz o truque. Achas minhas palavras obscuras. Escuridade está em nossas almas, não achas? Mais maviosa. Nossas almas, vergonhiferidas por nossos pecados, apegam-se a nós ainda mais, uma mulher apegando-se ao seu amante, e mais e mais.

Ela confia em mim, sua mão meiga, os longuiciliados olhos. Agora em nome de que azulívido inferno estou eu levando-a para lá do véu? Para dentro da modalidade inelutável da visualidade inelutável. Ela, ela, ela. Qual ela? A donzela da vitrina de Hodges Figgis na segunda-feira procurando por um dos livros alfabetos que ias escrever. Olhar penetrante lhe dirigiste. A pulseira ao cabo da piós trançada da sombrinha. Ela vive no parque Leeson, com uma mágoa e cacarecos, uma mulher de letras. Fala disso com um outro alguém, Stevie: uma vassoura. Aposto que ela usa esses malditos de Deus espartilhos esteados e meias amarelas, cerzidas com lã grossa. Fala-lhe sobre tortinhas de maçã, *piuttosto*. Onde está o teu tacto?

Toca-me. Olhos doces. Mão doce doce doce. Estou sozinha aqui. Oh, toca-me logo, agora. Qual é essa palavra sabida de todos os homens? Estou mesmo aqui sozinha. Triste também. Toca, toca-me.

Estendeu-se por inteiro sobre as rochas rugosas, enfiando as notas rabis-cadas e o lápis no bolso, seu chapéu rebatido sobre os olhos. Esse que fiz é o movimento de Kevin Egan cabeceando antes da sesta, soneca sabática. *Et vidit Deus. Et erant valde bona*. Alô! *Bonjour*, bem-vindos como as flores em maio. Sob a aba ele espiava através de dardos íris-trementes o sol suldeclinante. Estou preso nesta cena candente. Hora de Pã, o meio-dia faunal. Por entre gravigomosas serpiplantas, lactífluos frutos, onde em águas fulvas folhas jazem anchas. A dor está distante.

Não mais a um canto ruminar.

Seu olhar ruminava as suas biquilargas botinas, refugio *nebeneinander* de um janota. Contava as pregas do couro vincado dentro do qual o pé de outrem se aninhara quente. Pé que bate no solo em tripúdio, pé que desamo. Mas te deliciaste quando o sapato de Esther Osvalt coube em ti: garota que conheci em Paris. *Tiens, quel petit pied!* Amigo sólido, uma alma irmã: amor

à Wilde que não ousa dizer seu nome. Ele agora me deixará. E a culpa? Como sou. Como sou. Tudo ou nada de todo.

Em longos laços do lago Cock a água fluía intensa, cobrindo verdiáureas lagoas de areia, crescendo, fluindo. Meu freixestoque se deixará flutuar. Deverei esperar. Não, elas passarão, passando esfregando-se às pedras baixas, remoinhando, passando. Melhor safar-me rápido desse emprego. Escuta: uma quadrívoca undifala: siissuu, hriiss, rsiess, uuss. Sopro veemente de águas em meio a marisserpentes, cavalos empinantes, rochas. Em taças de rochas ela chapinha: chop, chlop, chlap: brandida em barris. E, gasta, sua fala cessa. Ela flui em murmúrio, ancho fluindo, espumicharco flutuando, flor esflorando-se.

Sob a inflante maré ele via as ervas recurvas levantar-se languescientes e oscilar indecisos braços, erguendo suas anáguas, em sussurrantes águas oscilando e revirando argêntas frondes recatadas. Dia a dia: noite a noite: elevadas, inundadas e esmagadas. Senhor, elas estão lassas; e, ao sussurro, elas suspiram. Santo Ambrósio ouviu-o, suspiro de folhas e ondas, esperando, aguardando a plenitude de seu tempo delas, *diebus ac noctibus iniurias patiens ingemiscit*. Para nenhum fim reunidas: em vão depois soltas, fluindo avante, volvendo atrás: fuso da lua. Lassa também da vista dos amantes, homens lascivos, mulher nua brilhando em sua corte ela arrasta uma rede de águas.

Cinco braços por aquela banda. Sob braços inteiras, cinco, teu pai jaz. À uma disse ele. Encontrado afogado. Maré alta na barra de Dublin. Vindo na frente um arrastre de entulho à deriva, vária malta de peixes, conchas cômicas. Um cadáver salbranqueado emergindo da baixa-toa, zigueza-gueando rumo à terra, um tantinho um tantinho uma toninha. Aí está ele. Engancha-o rápido. Mesmo que imerso das águas sob os cendais. Temo-lo. Devagar agora.

Bolsa de gaseicadáver encharcando-se em salmoura fétida. Um balaio de peixotes, balofo de maminhas esponjosas, escapos pelos entremeios da sua braguilha abotoada. Deus fez-se homem fez-se peixe fez-se ganso bernaco fez-se montanha plumosa. Suspiros mortos que eu vivente respiro, pisada poeira morta, devoro vísceras urinárias de todo morto. Içado rígido por sobre o rebordo ele tresanda aos céus a fertilência de sua tumba verde, suas narinas leprosas ronquejando ao sol.

Um maritrânsito este, olhos castanhos salazulados. Marimorte, a mais doce de todas as mortes conhecidas do homem. Velho Pai Oceano. *Prix de*

Paris: cuidado com as imitações. Experimente, nada mais. Isso nos dará um enorme prazer.

Vamos. Tenho sede. Nublando-se o alto. Nada de nuvens negras em parte alguma, não é? Tempestade de trovões. Omniluz ele tomba, relampejo orgulhoso do intelecto, Lucifer, *dico, qui nescit occasum*. Não. Meu chapéu encaramujado e bastão e sua minha sandalizante chanca. Onde? Por terras vesperais. A tarde se achará a si mesma.

Tomou do castão do seu estoque de freixo, esgrimindo com ele molemente, entretendo-se ainda. Sim, a tarde se achará a si mesma em mim, sem mim. Todos os dias vão ao seu fim. A propósito, qual é o próximo? Terça-feira será o mais longo dia. De todo o feliz ano-novo, mãe, a grã tam tantã tam. Tênis Tennyson, poeta cavalheiro. *Già*. Para a velha ogra de dentes amarelos. E monsieur Drumont, jornalista cavalheiro. *Già*. Meus dentes estão muito ruins. Por quê, indago? Sente. Este está perdido também. Conchas. Ir devia eu a um dentista, indago, com este dinheiro? Este mesmo. O desdentado Kinch, o super-homem. Por que isso, indago, ou isso significa talvez algo?

Meu lenço. Ele atirou-o fora. Lembro-me. Não o tomei?

Suas mãos tacteavam em vão nos bolsos. Não, não tomei. Melhor comprar um.

Depositou a meleca seca pinçada de uma narina no gume de uma pedra, com cuidado. Quanto ao mais, olhe quem quiser.

Atrás. Talvez haja alguém.

Volveu a cara por sobre o ombro, à re reparando. Movendo no ar os altos lenhos de um três-mastros, as velas recolhidas nas cruzetas, surgindo, contracorrente, movendo-se silenciosamente, um navio silente.